

# CADERNO DE RESUMOS DA VI SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Epistemologias negras e indígenas: educação, resistências e pluralidades

REALIZA



**Neabi**  
Ufac



Edufac

# CADERNO DE RESUMOS DA VI SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Epistemologias negras e indígenas: educação, resistências  
e pluralidades

**Organizadora:**  
Flávia Rodrigues Lima da Rocha



# CADERNO DE RESUMOS DA VI SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL

Epistemologias negras e indígenas: educação, resistências  
e pluralidades

**Organizadora:**  
Flávia Rodrigues Lima da Rocha



Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac),  
Campus Rio Branco, BR 364, Km 4,  
Distrito Industrial – Rio Branco-AC, CEP 69920-900  
E-mail: [edufac.ufac@gmail.com](mailto:edufac.ufac@gmail.com) / [edufac@ufac.br](mailto:edufac@ufac.br)  
Feito Depósito Legal  
Editora Afiliada:



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Organizadora:**  
Flávia Rodrigues Lima da Rocha

# **CADERNO DE RESUMOS DA VI SEMANA EM FAVOR DE IGUALDADE RACIAL**

Epistemologias negras e indígenas: educação, resistências  
e pluralidades



Caderno de Resumos da VI Semana em Favor de Igualdade Racial – Epistemologias Negras e Indígenas: Educação, Resistências e Pluralidades

ISBN: 978-65-88975-01-5

Copyright © Edufac 2020

Flávia Rodrigues Lima da Rocha (organizadora)

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac

Rod. BR364, Km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre

#### **Coordenador Geral da Edufac**

Rafael Marques Gonçalves

#### **CONSELHO EDITORIAL**

Rafael Marques Gonçalves (Pres.), Carromberth Carioca Fernandes, Délcio Dias Marques, Esperidião Fecury Pinheiro de Lima, Humberto Sanches Chocair, José Porfiro da Silva (Vice-Pres.), José Sávio da Costa Maia, Leandra Bordignon, Lucas Araújo Carvalho, Manoel Limeira de Lima Júnior Almeida, Maria Aldecy Rodrigues de Lima, Rodrigo Medeiros de Souza, Rozilaine Redi Lago, Selmo Azevedo Apontes, Sérgio Roberto Gomes de Souza, Silvane da Cruz Chaves, Simone de Souza Lima

#### **Coordenadora Comercial**

Ormifran Pessoa Cavalcante

#### **Diagramação e Formatação**

Ana Clara Reis Moura

Maycon David de Souza Pereira

#### **Projeto gráfico**

Wálisson Clister Lima Martins

Os textos compilados neste Caderno de Resumos são de inteira responsabilidade dos autores. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

S471c Semana em Favor de Igualdade Racial (6. : 2020 : Rio Branco, AC)  
Caderno de resumos da VI Semana em Favor de Igualdade Racial - Epistemologias negras e indígenas: educação, resistências e pluralidades [formato digital] / organizadora: Flávia Rodrigues Lima da Rocha; Realização Neabi e Edufac. Rio Branco: Edufac, 2020.

341 p. : il.

Vários autores.

ISBN: 978-65-88975-01-5

1. Discriminação racial. 2. Pesquisa científica – Eventos, Congressos. 3. Igualdade – Brasil. I. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi). II. Universidade Federal do Acre (Ufac). III. Título.

---

# COMISSÃO CIENTÍFICA DA VI SEFIR

Profa. Esp. Andressa Queiroz da Silva (Ufac)  
Profa. Beatriz Domingos da Silva (Ufac)  
Profa. Ma. Cláudia Marques de Oliveira (Ufac)  
Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves (Ufop)  
Prof. Dr. Dennys Silva-Reis (Ufac)  
Profa. Esp. Edilene Machado Barbosa (Ufac)  
Profa. Edileuda Gomes de Araújo Shanenawa  
Profa. Ma. Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Ufac)  
Prof. Me. Jefferson Gustavo dos Santos Campos (UEM)  
Profa. Dra. Luciana de Mesquita Silva (Cefet/RJ)  
Profa. Maria Abijicélia Brandão da Silva Shanenawa  
Prof. Dr. Rivalvo Félix de Araújo (Coletivo Erês)  
Prof. Dr. Rodrigo Pedro Casteleira (Unir)  
Profa. Ma. Sulamita Rosa da Silva (Ufac)  
Prof<sup>o</sup> Wálisson Clister Lima Martins (Ufac)



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
GRUPO DE TRABALHO 01 – EDUCAÇÃO, LINGUAGENS, CULTURAS E IDENTIDADES NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .....	13
O HIP HOP E SUA RELAÇÃO COM EDUCAÇÃO, RAÇA, GÊNERO, CLASSE E POLÍTICA.....	14
AS VOZES DAS MENINAS CRESPAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA .....	15
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO ACERCA DOS.....	16
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS AFRICANOS E AFRO- BRASILEIROS	16
TRAJETÓRIA DO INTELLECTUAL NEGRO MILTON SANTOS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL.....	17
AS PRÁTICAS EPISTÊMICAS DAS BENZEDEIRAS NUMA PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES CULTURAIS NEGRAS .....	18
EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA E PLURALIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA.....	19
O HIP HOP COMO VALORIZAÇÃO DA CULTURA PRETA .....	20
O RAP ENQUANTO FORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL .....	21
MULHERES PRETAS NO MERCADO DE TRABALHO NUMA PERSPECTIVA DA IGUALDADE RACIAL.....	22
O ESTÉTICO EM DEBATE POR UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS .....	23
LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORES DE ESPANHOL.....	24
O USO DO TERMO “BATUQUE” NO PROCESSO DE GENERALIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES DE CANTOS DANÇADOS EM MOÇAMBIQUE E NO BRASIL .....	25
GRUPO DE TRABALHO 02 – CONHECIMENTOS, SABERES TRADICIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: MULHERES INDÍGENAS PROTAGONISTAS DECOLONIAIS .....	26
ORIGEM DO FOGO NA FLORESTA .....	28
PROTAGONISMO PROFESSORA INDIGENA SABERES TRADICIONAL E OCIDENTAL.....	29
RELATOS DE VIDA DE UM ESTUDANTE E PROFESSOR INDÍGENA HUNI-KUIN.....	30





O INGRESSO DE ESTUDANTES INDÍGENAS NO IFRS CAMPUS RIO GRANDE: CAMINHOS PARA A INTERCULTURALIDADE.....	31
EDUCAÇÃO ESCOLAR HUNI KUI: SABERES, EXPERIÊNCIA E BASE CURRICULAR.....	32
TRAJETÓRIA DE VIDA ESCOLAR DE UM ACADÊMICO INDÍGENA: DO ENSINO FUNDAMENTAL A GRADUAÇÃO.....	33
TRAJETORIA PROFISSIONAL, PROTAGONISMO MULHER INDIGENA SHANENAWA .....	34
SHAWE SHENIPAHU: HISTÓRIA DO JABUTI.....	35
PROFESSORAS NEGRAS DE INGLÊS E O DESCRÉDITO: O QUE ISSO TEM A VER COM O RACISMO ESTRUTURAL?.....	36
A IMPORTÂNCIA DA CERÂMICA APURINÃ.....	37
LENDO ESCRITORAS INDÍGENAS NAS ESCOLAS DE PORTO VELHO-RO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E METODOLOGIA – DIALOGANDO COM OUTROS SABERES.....	38

## **GRUPO DE TRABALHO 03 – EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA PARA PROMOÇÃO DE IGUALDADE RACIAL.....39**

O PROJETO DE PESQUISA: O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA LICENCIATURA EM HISTÓRIA (2018-2020) COMO FERRAMENTA DE APERFEIÇOAR A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	40
CULTURA NEGRA NA PERCEPÇÃO DO GÊNERO MEMÓRIA NO ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA DO 8º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ACREANA .....	41
JÚLIA MARTINS, PADRE JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA E EDUARDO DAS NEVES: RACISMO ESTRUTURAL E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XIX E XX.....	42
OLHARES SOBRE HELVÉCIA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	43
UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE DISCRIMINAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	44
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DOS NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS.....	45
COLETÂNEA UNIAFRO: EDUCANDO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	46
FÓRUM PERMANENTE DE EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL DO ACRE: ENFRENTAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	47
O NEABI/IFRS COMO INSTRUMENTO DE SUPORTE AO ENTENDIMENTO DA NEGRITUDE DENTRO E FORA DO IFRS .....	48
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS E PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO ACRE.....	49
DE ÁFRICA PARA O MUNDO: VISLUMBRE DIFERENTE PARA OS POVOS.....	50
AFRICANOS ATRAVÉS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA.....	50



## GRUPO DE TRABALHO 04 – LINGUAGENS E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS .....51

AFROETNOMATEMÁTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS INICIAIS: UMA PROPOSTA EM CONSTRUÇÃO, PELA PESQUISA, E UMA CONVICÇÃO DE “UM NÃO - LUGAR” .....	52
ORALIDADE FINGIDA E TRADUÇÃO SENSÍVEL: REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS DA MULHER ANTILHANA NA OBRA DE MAYOTTE CAPÉCIA.....	53
A IMPORTÂNCIA DO PRETOGUÊS PARA A HISTÓRIA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO.....	54
CORPO NEGRO E CABELO CRESPO: REFLEXÕES PARA AÇÕES DOCENTES .....	55
RECORRENTE, MAS POUCO EXPLORADA: UM ESTUDO SOBRE A COBERTURA DA QUINZENA DA MULHER NEGRA NO <i>SITE NOTÍCIAS DO ACRE</i> .....	56
DEBATES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DO ENSINO MÉDIO AO ENSINO SUPERIOR.....	57
DOS PRIVILÉGIOS DA BRANQUITUDE AO TEATRO COMO (EN)CENAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA.....	58
PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL COM A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	59
EMBRANQUECIMENTO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA: REPRESENTAÇÕES SOBRE O TERMO MORENA NO TEXTO “DANAH COSTA – A MUSA DOS PARALAMAS” .....	60
PSICOLOGIA NO ENFRENTAMENTO A COVID-19: UM TRABALHO COM OS INDÍGENAS VENEZUELANOS WARAO.....	61
A VISÃO ROMÂNTICA, COLONIALISTA E IMPERIAL NO ETNÓLOGO MARTIUS, 1863, REVER PARA ENTENDER E DESCONSTRUIR.....	62
REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA E NEGRO-BRASILEIRA NAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS DOS ANOS INICIAIS: DIÁLOGOS COM O ENSINO DE CIÊNCIAS.....	63

## GRUPO DE TRABALHO 05 – PRODUÇÕES ESTÉTICAS NEGRAS EM DEBATE INTERSECCIONAL: MEMÓRIA, PERIFERIAS E COLONIALIDADE.....64

INFÂNCIA ROUBADA E ADOLESCÊNCIA ESTEREOTIPADA.....	65
A PRESENÇA DA CRIANÇA NEGRA NA HISTÓRIA DE VILHENA – RO (1960-1980).....	66
O MOVIMENTO HIP HOP E A UFOP.....	67
“QUEM MATOU MINHA MENINA?”: ESCRIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NEGRAS E DISCURSOS DA RESISTÊNCIA.....	68
EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA: UM MODO DE NARRAR AFETOS NEGROS.....	69
FLÁVIO CERQUEIRA NA AULA: UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ARTE..	70



A MEMÓRIA COLETIVA EM NARRATIVAS NEGRAS FEMININAS E..... 71  
CONTEMPORÂNEAS: UM DIÁLOGO ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E DJAIMILIA PEREIRA  
DE ALMEIDA..... 71  
VOZES FEMININAS: GRUPO FOCAL EM COMBATE AOS PRECONCEITOS DE RAÇA E  
GÊNERO NO PERÍODO PANDÊMICO ..... 72

**GRUPO DE TRABALHO 06 – REDE MULHERAÇÕES: SABERES E  
CONHECIMENTOS DECOLONIAIS PARA DEMOCRATIZAR A  
UNIVERSIDADE.....73**

TEATRO DO OPRIMIDO PARA MENINAS INTERNAS DO INSTITUTO SOCIOEDUCATIVO 74  
MOVIMENTO AFROFUTURISTA NO BRASIL E SEUS REPRESENTANTES ..... 75  
POESIA MARGINAL: ELEMENTOS DE LUTA E MOBILIZAÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA ..... 76  
“O OUTRO DO OUTRO”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE REPRESENTAÇÕES DE  
MULHERES NEGRAS EM VEÍCULOS ACREANOS DE COMUNICAÇÃO..... 77  
EXPERIÊNCIAS SOBRE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POR UMA  
EDUCAÇÃO DECOLONIAL DESDE A PRIMEIRA INFÂNCIA ..... 78  
A EXPERIÊNCIA DO AQUALTUNE PODCAST INSTRUMENTALIZANDO MÚSICA E  
ORALIDADE NA TRANSMISSÃO DE SABERES..... 79  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O LAR A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE BELL HOOKS E YOUNG  
..... 80  
PROFESSORAS NEGRAS DE INGLÊS E O DESCRÉDITO: O QUE ISSO TEM A VER COM O  
RACISMO ESTRUTURAL?..... 81  
MULHERES NEGRAS NA ACADEMIA: GIOVANA XAVIER E SUA PROMOÇÃO DE UMA  
ESCRITA PROTAGONISTA ..... 82  
ASSOCIAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DO ESTADO DO ACRE: POR UMA UNIVERSIDADE  
MAIS DEMOCRÁTICA E DE PROXIMIDADE COM OS MOVIMENTOS ..... 83  
A EXPERIÊNCIA DO CASS - IGOR MENDES E O ENFOQUE NA QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL  
..... 84  
PRECONCEITOS CONTRA AS MULHERES TRANS: O QUE A PSICOLOGIA TEM A VER COM  
ISSO?..... 85



## APRESENTAÇÃO

O Caderno de Resumos da *VI Semana Em Favor de Igualdade Racial* é uma organização dos Grupos de Trabalho ocorridos no referido evento, com seus respectivos resumos apresentados em forma de comunicação oral. Estes textos objetivam comunicar pesquisas de promoção de igualdade racial em suas diferentes fases, desde os resultados já encontrados nas pesquisas concluídas, bem como resultados parciais e até mesmo propostas de pesquisas, no intuito de incentivar os/as jovens pesquisadores/as negros/as e de empoderá-los/as no ambiente acadêmico, ainda tão hostil a esta população, que apesar de discriminada é a maior parte da população brasileira.

Este Caderno de Resumos é uma forma de enfrentar o epistemicídio a que a população negra e os povos indígenas têm sido submetidos século após século, por meio do racismo acadêmico e do racismo estrutural. É tempo de apresentar e empoderar os nossos saberes negros e indígenas, ainda que os espaços para isso sejam pequenos. É tempo dos povos sobreviventes do desumano processo de colonização e escravidão ocupar espaços que por muito tempo lhes foram negados e nestes espaços se fazerem ver e ouvir.

Em suma, o Caderno de Resumos da VI Semana Em Favor de Igualdade Racial é uma arma potente de promoção de igualdade racial, ao passo que seus textos não apenas denunciam o racismo como também apontam caminhos de superá-lo. Aos leitores e leitoras desejamos que estes textos possam lhe servir de ampliação dos conhecimentos e de inspiração na luta por uma sociedade mais justa e democrática, que é o desejo de todos nós.

*Profª. Ma. Flávia Rodrigues Lima da Rocha*

**Coordenadora da VI Semana em Favor de Igualdade Racial**



## GRUPO DE TRABALHO 01 – EDUCAÇÃO, LINGUAGENS, CULTURAS E IDENTIDADES NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

### Coordenadores:

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves (Ufop)  
Prof. Dr. Ridalvo Félix de Araújo (Coletivo Erês)

Este Grupo de Trabalho (GT) propõe-se a promover diálogos, debates e reflexões sobre temas relacionados à área da educação, linguagens, culturas e identidades nas relações étnico-raciais, propondo-se visibilizar as lutas contra a colonialidade, a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Neste sentido, apresentando trabalhos que propõem diálogos e estabelecem relações entre educação, linguagens, culturas e identidades, partindo-se de visões provenientes das pesquisas sobre educação, relações étnico-raciais, relações de gênero e de sexualidade, sobre ensino da História e Culturas Africanas e Afro-brasileiras, sobre uma legislação antirracista, sobre formação de professoras(es) e sobre currículo, numa perspectiva da decolonialidade da existência, do conhecimento e do poder. Desse modo, dialogando com o campo da Linguística Aplicada, da Literatura e das Artes, enquanto manifestações de linguagem, mas não necessariamente se ater a elas. Também, trabalhos nas áreas da Antropologia Linguística, da Literatura, da Pragmática, das Poéticas das Oralidades, da Sociolinguística, das Tradições Culturais Negras entre outros campos da linguagem em que sociedade e cultura são indissociáveis, ao que entendemos por língua.

## O HIP HOP E SUA RELAÇÃO COM EDUCAÇÃO, RAÇA, GÊNERO, CLASSE E POLÍTICA

Ana Paula Rezende (Ufop)  
Danielle Ribeiro Oliveira (Ufop)  
Yuri Dinalli (Ufop)  
Jussara Lopes (Ufop)

### RESUMO:

O corrente resumo se refere à pesquisa “Hip Hop: Da periferia à Universidade”, realizada durante a disciplina de Pesquisa e Serviço Social I e II, do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), no ano de 2018. Buscou-se identificar e problematizar as limitações impostas aos membros do movimento Hip Hop de Mariana com relação ao acesso à Universidade, extra academicamente ou no ingresso como discente, a sociedade capitalista e seus desdobramentos no acesso à cultura; conhecer os membros do movimento e sua formação educacional e analisar e compreender os recortes de classe, gênero, sexualidade e raça que perpassam o movimento no sentido de interferência ao ingresso à Universidade. Tomando como metodologia a busca de dados de forma qualitativa por meio de entrevistas realizadas com pessoas que constroem o movimento Hip Hop de Mariana e Ouro Preto, em suas várias expressões, bem como em busca de dados no que concerne ao acesso à Universidade via Política de Ações Afirmativas, mostrando também um pouco de sua trajetória, bem como a utilização de dados fornecidos por instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Com base no materialismo histórico dialético e nas contribuições de autores como Florestan Fernandes, Angela Davis, Carlos Nelson Coutinho e Roberto Camargos de Oliveira, que dialogaram fortemente com as exposições dos entrevistados, a pesquisa proporcionou uma série de reflexões que passam pelas relações de raça, gênero e classe; acesso à educação superior, consciência política e resistência, racismo institucional e o caráter reivindicatório e emancipatório do movimento Hip Hop. Assim, a pesquisa ofereceu mais formas de se pensar criticamente acerca do modo como nossa sociedade se estrutura, visando aproximar a Ufop do movimento Hip Hop de Mariana, para transformar a realidade através da cultura e da arte.

**Palavras-chave:** Hip Hop. Universidade. Racismo. Educação. Política.



## **AS VOZES DAS MENINAS CRESPAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA**

Ana Paula Vieira da Silva (PMCWB)

### **RESUMO:**

O processo de construção da identidade das meninas negras normalmente passa pela negação/aceitação da textura dos cabelos quando criança, conflito este construído socialmente. O privilégio simbólico dos corpos não-negros produz em muitas meninas negras o desejo de mudar seus cabelos, de forma a adequá-los ao padrão de estética valorizado socialmente, buscando uma estratégia para enfrentar as violências sofridas na e pela escola. Em uma sociedade com ampla gama de miscigenação como a brasileira, o racismo mascarado se reflete também no ambiente escolar. E como deve ser com as meninas negras das escolas municipais de Curitiba? Como elas lidam com seus cabelos crespos? As crianças produzem sentidos acerca das relações que vivenciam e, pensando assim, a compreensão de seus pontos de vista é fundamental. O objetivo geral dessa pesquisa é investigar nos relatos das meninas crespas, estudantes da Prefeitura Municipal de Curitiba, como se veem e se sentem vistas na escola. Os objetivos específicos são: examinar os dados acerca do perfil das estudantes do município de Curitiba através da autodeclaração; por meio de entrevistas, analisar as impressões, representações e opiniões dos sujeitos negros sobre essa mesma escola, especificamente a relação das meninas crespas com o seu corpo e cabelo; investigar se a escola possui políticas de trabalhos relacionados ao corpo negro e como a identidade negra se articula com a cultura escolar. O método empregado nessa pesquisa será sob o viés etnográfico, portanto qualitativo e analítico: envolverá observação das meninas crespas e agentes que compõem o ambiente escolar no qual será feita a pesquisa empírica. A proposta é fazer entrevistas individuais, semiestruturadas, utilizando gravações de áudio, com estudantes - meninas crespas, a fim de explorar seus discursos, de forma transversal.

**Palavras-chave:** Cabelo Crespo. Educação Infantil. Relações Étnico-Raciais.



## PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO ACERCA DOS CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS AFRICANOS E AFRO- BRASILEIROS

Andrisson Ferreira da Silva (Ufac)  
Paulo Alves de Azevedo (Ufac)  
Cláudia Marques de Oliveira (Ufac)

### RESUMO:

O presente trabalho é resultado da pesquisa “Práticas Pedagógicas de Promoção de Igualdade Racial na Educação Básica do Estado do Acre” do laboratório de pesquisa Observatório de Discriminação Racial da Universidade Federal do Acre (ODR/Ufac) desenvolvida em escolas estaduais e municipais das cidades acreanas Rio Branco, Brasiléia, Epitaciolândia e Senador Guiomard entre os anos de 2018 a 2020. Sua proposta surge através da importância dos estudos que buscam entrever a Lei 10.639/2003 e suas implicações no âmbito curricular e prático da educação brasileira a partir de sua implementação. Nesse interim, tem-se por objetivo acompanhar as percepções de docentes quanto ao conhecimento sobre ciência e tecnologia africana e afro-brasileira, tendo em vista avanços e limitações quanto aos saberes científicos e tecnológicos produzidos através dos saberes africanos e afro-brasileiros. Os procedimentos metodológicos se deram através da coleta das informações sistematizadas já coletadas advindas das aplicações de questionários em escolas do Ensino Médio. Os aportes teóricos se dão através de Silva e Oliveira (2018), Cunha (2007) e Machado (2014) com as discussões sobre a produção científica pela população negra. Os resultados finais possibilitam entrever a necessidade da ampliação das discussões quanto à educação das relações étnico-raciais, uma vez que, os pensamentos ainda são muito pautados em saberes reduzidos sobre a história do conhecimento científico e tecnológico negro reduzidos em decorrência do etnocentrismo e suas imposições epistemológicas.

**Palavras-chave:** Ciência e Tecnologia. Lei 10.639/2003. Educação Básica.





## TRAJETÓRIA DO INTELLECTUAL NEGRO MILTON SANTOS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL

Ângela Maria Bastos de Albuquerque (Ufac)  
Jorge Fernandes da Silva (Ufac)

### RESUMO:

A pesquisa analisa a relevância das obras de Milton Santos, que foi um dos maiores geógrafos negro brasileiro, com relevante destaque internacional e atuação docente nas principais universidades do mundo. Esse pesquisador tem ao menos 29 capítulos de livros publicados e outros 9 livros que publicou ou participou da organização. Publicou mais de trezentos artigos e recebeu o título de Doutor Honoris Causa em doze universidades brasileiras e sete universidades estrangeiras. O objetivo da pesquisa foi analisar a questão étnico racial nas obras de Milton Santos. A abordagem qualitativa com levantamento bibliográfico sobre a vida e a obra de Milton Santos, guiou o referencial metodológico. As bases teóricas do trabalho foram do próprio Milton Santos que, na pluralidade de seus trabalhos priorizou suas atenções em construir uma nova proposta de renovação na concepção de espaço geográfico, e, promoveu uma rediscussão em torno de sua materialidade como objeto ímpar da geografia. Nas questões sociais relacionadas à população negra, Milton Santos não exerceu uma militância nem política nem ideológica, entretanto, deixou suas concepções sobre essa temática no livro, *O preconceito no capítulo intitulado: cidadanias mutiladas*, publicado em 1997. No livro *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*, publicado em 2020, Milton Santos contribui com um capítulo sobre ser negro no Brasil hoje. Em todas as suas obras é possível perceber elevada preocupação com as condições socioeconômicas das pessoas desfavorecidas, mas, nas duas obras citadas, encontram-se registros específicos sobre seus posicionamentos com questões sociais relacionadas ao negro no Brasil. Suas abordagens analisam o preconceito, e as metamorfoses dos espaços sociais em que vivem as populações em condições de vulnerabilidade.

**Palavras-chave:** Trajetória. Milton Santos. Preconceito. Geografia.



## AS PRÁTICAS EPISTÊMICAS DAS BENZEDEIRAS NUMA PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES CULTURAIS NEGRAS

Celina Gontijo Cunha (UFMG)  
Clézio Roberto Gonçalves (Ufop)

### RESUMO:

Esta pesquisa propõe-se a analisar as rezas populares de cura inseridas no contexto das práticas de benzeção nas cidades históricas de Mariana-MG, Ouro Preto-MG e Serro-MG, considerando-se a tradição oral e o rito no processo de interação social, quando é estabelecido o diálogo com Deus, no intuito de obter-se a cura. Tais práticas são realizadas majoritariamente por mulheres, que são agentes sociais do seu meio e têm a oralidade como carro-chefe, tanto durante o rito propriamente dito, quanto para o repasse e preservação dessa tradição às novas gerações. Nesse sentido, o estudo das manifestações da linguagem está intimamente ligado aos fenômenos sociais, históricos e culturais. Esta pesquisa se fundamenta nos pressupostos teóricos da teoria da Sociolinguística Interacional, Gumperz e Goffman, que consideram a fala e o contexto no qual as interações são produzidas, de modo a considerar os variados aspectos da fala, do diálogo (benzedeira e Deus / benzedeira e consulente) que se estabelecem nessa interação, ou seja, no ato da benzeção, destacando-se a linguagem como uma prática social. Para a coleta de dados foi adotada a perspectiva etnográfica, partindo do princípio da participação do pesquisador durante o trabalho de campo. Os dados recolhidos permitiram a análise do perfil das benzedeadas e de seus consulentes e a partir deles foi constituído o corpus da pesquisa, que é composto por um total de 34 rezas analisadas do ponto de vista linguístico, simbólico e contextual.

**Palavras-chave:** Benzedeira. Fé. Reza. Rito. Tradição.



## EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA E PLURALIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Clézio Roberto Gonçalves (Ufop)  
Erick Soares Drumond (Ufop)

### RESUMO:

Este estudo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que se propõe a investigar de que maneira se dá a presença de negros e brancos na coleção de livros didáticos de língua inglesa adotada no curso de formação inicial de professores de língua inglesa, ou seja, no Curso de Letras: Licenciatura de Língua Inglesa de uma instituição de ensino superior. São analisadas imagens a partir dos estudos da Semiótica (SANTAELLA; NÖTH, 2008; PIETROFORTE, 2017), da formação crítica de professores (MATTOS; VALÉRIO, 2010; JORGE, 2012; MILLER, 2013; JUCÁ, 2017), das relações étnico-raciais refletidas no livro didático (FERREIRA, 2014; NASCIMENTO, 2016; OLIVEIRA, 2017; SILVA, 2008), das relações étnico-raciais no Brasil (MUNANGA, 1999; MOORE, 2007; WINDLE; MUNIZ, 2018; GOMES, [s.d.]), sobre branqueamento e branquitude (GUERREIRO RAMOS, 1955; BENTO, [s.d.]; CARDOSO, 2007, 2010; SCHUCMAN, 2012; MALOMALO, 2017; SILVA, 2017). O estudo procura perceber e analisar como o livro didático: 1) contribui para a formação racial crítica desse futuro professor; 2) traz as posições/condições de pessoas negras e brancas; 3) trata/retrata a imagem do negro. Investigamos em que medida o estudante é preparado, nos cursos de licenciatura em língua inglesa, para atender ao que será exigido no exercício da profissão com especial atenção à lei 10.639/2003. Para isso, verificamos de que modo a coleção de livros didáticos adotada pelo Departamento de Letras de uma IES contempla a temática referente à história e à cultura africana e, além disso, analisamos as crenças dos professores em formação no que se refere à pertinência da discussão do tema nas aulas de Língua Inglesa, através de questionários semi-dirigidos (em substituição às entrevistas, devido à crise sanitária do novo coronavírus).

**Palavras-chave:** Ensino de Línguas. Racismo. Branquitude. Livro Didático. Formação de Professores.



## O HIP HOP COMO VALORIZAÇÃO DA CULTURA PRETA

Danielle Ribeiro Oliveira (Ufop)  
Gabriel Regis Galo Borba (Ufop)  
Mariana Monteiro Vieira (Ufop)  
Jussara Lopes (Ufop)

### RESUMO:

O presente resumo é fruto da pesquisa intitulada “Hip Hop: Da periferia à Universidade”, elaborada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa e Serviço Social I e II, do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Esse estudo foi realizado em 2018 e teve como finalidade analisar o contexto de aproximação entre a Ufop e o movimento Hip Hop de Mariana - Minas Gerais ao problematizar os elementos que perpassam esse contexto. Sendo assim, discutiu criticamente as manifestações artísticas dos movimentos Hip Hop, nascido no seio da cultura periférica e que enfrenta preconceitos gerados pelas diversas concepções acerca do que se configura como cultura nessa sociedade estruturada pela desigualdade de raça, gênero e classe. Tendo em vista que a construção do movimento Hip Hop, tanto no âmbito internacional quanto no Brasil, se consolidou em uma luta antirracista, a pesquisa reivindica o protagonismo de homens e mulheres pretas na produção do conhecimento através da arte. Desse modo, o método de análise adotado foi o materialismo histórico dialético, o qual permite a apreensão da totalidade social, considerando as diversas particularidades e singularidades que a envolvem. Essa pesquisa contou com um arcabouço teórico-metodológico vislumbrado nas obras de Angela Davis e Paulo Freire, alinhada à metodologia qualitativa. Além da apropriação teórica, utilizaram-se as próprias produções que envolvem o movimento Hip-Hop, em especial o RAP; desse modo, foram incorporadas letras de músicas que, além de compor a criação e difusão da cultura preta, é também uma forma de denúncia, protesto, conhecimento e resistência. De tal maneira, observou-se que o estudo sobre o movimento Hip Hop e seus desdobramentos na cidade de Mariana possibilitou refletir sobre as desigualdades sociais, opressões sociais e a falta de acesso à lugares construídos por/para branquidade ao passo que propôs um resgate e valorização da cultura “pretiférica”.

**Palavras-chave:** Questão Étnico-Racial. Arte. Movimento Hip Hop. Universidade.



## O RAP ENQUANTO FORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Erika Danielle Pereira dos Santos (Ufop)  
Yuri Ferreira de Moraes (Faseh)  
Lucas Aredes Alves (Ufop)

### RESUMO:

Este resumo trata de um projeto de pesquisa que visa refletir quais são as contribuições que o RAP, gênero musical, tem para o debate sobre questões étnico-racial. Cultura musical essa, inserida em uma sociedade de classes que possui como estrutura o racismo, a opressão de gênero e exploração da força de trabalho. O objetivo é a análise de letras de RAP e a verificação que o ritmo composto de poesias e rimas, tem para a formação sócio cultural do povo brasileiro e principalmente para os jovens negros da periferia. Partimos do materialismo histórico e da pesquisa qualitativa de letras de rappers brasileiros contemporâneos. Utilizaremos como referencial, Rappers como: Djonga, BK, Black Alien, Don L, Eduardo, Brisa flow, entre outros/as, além da inclusão de referencial bibliográfico que pauta a questão étnico-racial, como Silvio Almeida em Racismo estrutural, Lélia Gonzalez em Racismo e sexismo e Bell Hooks em Olhares negros. Logo entende-se o rap enquanto resistência e voz da classe trabalhadora e do povo preto, como bem descrito em líricas incisivas e explícitas de diversos artistas. Tal movimento contribui fortemente para a formação étnico-racial de jovens periféricos, visto que segundo dados do IBGE (2018): 6,9% dos Brasileiros que correspondem a 9,2 milhões não acessavam a educação formal no país, sendo estas em maioria, negros (as). Assim, a disseminação do RAP pode ser feita através das rádios e plataformas digitais, que circulam o território que a educação não chegou, mesmo assegurada na CF/1988. Com isso, entendemos que as análises a partir das mencionadas referências, nos permite apreender a importância do movimento hip hop, desde os anos 80 para as periferias brasileiras. Tornando-se, portanto, mecanismo de formação para a construção de perspectivas cotidianas e ferramentas de lutas sociais através da arte, sendo retrato fidedigno da realidade.

**Palavras-chave:** Educação. Linguagem. RAP. Questão Étnico-Racial. Arte.



## MULHERES PRETAS NO MERCADO DE TRABALHO NUMA PERSPECTIVA DA IGUALDADE RACIAL

Juliane Evelyn Siqueira (Ufop)  
Clézio Roberto Gonçalves (Ufop)

### RESUMO:

Este trabalho é recorte de uma pesquisa ainda maior – “A construção da identidade da mulher preta marianense no mercado de trabalho” - e se propõe a descrever a relação de cultura e identidade das mulheres pretas trabalhadoras da cidade de Mariana-MG. Mulheres pretas que exercem a função de faxineiras, cozinheiras, copeiras, camareiras, por exemplo, e nunca, ou quase nunca, em função de Chefia são participantes desta pesquisa. O tema se justifica no campo da Linguística Aplicada por descrever a construção da identidade dessas mulheres por meio dos discursos autobiográficos que permearam suas vidas. Justifica-se, também, pela necessidade de ouvir essas mulheres, uma vez que a cidade de Mariana-MG foi uma cidade colonial construída por pessoas escravizadas e que, hoje, convive com o racismo estrutural muito latente na sociedade marianense. Este trabalho se propõe a descrever a construção da identidade da mulher preta no mercado de trabalho, analisar a relação da mulher preta marianense com o mercado de trabalho, verificar como a construção de identidade da mulher preta marianense interfere em sua inserção no mercado de trabalho e, além disso, descrever a relação de oportunidade de trabalho para a mulher preta marianense. Para isso, é usada uma metodologia com entrevistas semi-dirigidas. O referencial teórico é ancorado em Gonçalves e Muniz (2019), Hall (2011), Hooks (2019), Kleiman (2013), Moita Lopes (2006), entre outros.

**Palavras-chave:** Identidade. Igualdade. Mulher. Raça. Trabalho.



## O ESTÉTICO EM DEBATE POR UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Luciana Jesus de Souza (UFRJ)

### RESUMO:

Este estudo, é parte integrante da apresentação realizada no “Congresso On Line” de Pedagogia, sediado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cuja proposta foi o compartilhamento de conhecimento, no eixo de “Recursos para Aulas”. As necessidades de trabalhar a Lei 10.639/03, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que se propõem a analisar, na sala de aula da Educação Básica, temáticas no que tange a estética negra na esfera de uma abordagem étnico-racial. A relação dos alunos em sua interação, referenciados durante as aulas, move este olhar de esclarecer melhor estas manifestações e trabalhar práticas em um contexto de conscientização. Buscando na Literatura Infantojuvenil através de França (2020) “O Pequeno Príncipe Preto”, aborda o reconhecimento do senso estético de traços afro-brasileiros em autores como Munanga (2019; 2016) e Gomes (2003; 2016). Valorizando a cultura proveniente do continente africano por meio de sua Filosofia e História em Ramose (1999), numa perspectiva afrocentrada e pluriversal de Noguera (2010; 2012) e Filgueira; Silva (2019). Movida por termos e diálogos, em que havia a depreciação das características estéticas entre os alunos, este estudo incentivou o debate sobre tais fenótipos, que são vistos em uma grande parcela da população brasileira, trazendo à baila as orientações que constam na Lei 10.639/03. Foram desenvolvidas ações como: diálogos com o grupo sobre os termos ofensivos e tais características que lhes são referenciados, uso de literatura, com destaque para a tonalidade de pele, traços estéticos, adjetivos positivos associados ao personagem negro. O autor se aprofundou em uma visão mais oriental no contexto geográfico africano, pois permeia relações como a energia vital, a filosofia Ubuntu e a sabedoria ancestral; tais ações ecoaram no contexto social dos alunos, transpondo os muros da escola.

**Palavras-chave:** Estética Negra. Afrodiáspora. Literatura. Educação Básica.



## LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORES DE ESPANHOL

Rodrigo Vitorino Ramos Costa (Ufop)  
Clézio Roberto Gonçalves (Ufop)

### RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir sobre a temática do Letramento de Reexistência, no processo de formação inicial e continuada de professores de Espanhol, a partir de uma visão de língua(gem) musical-corporal decolonial. Entende-se, aqui, Letramento de Reexistência como uma nova categoria e pode ser compreendido como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidades e de poder (SOUZA, 2011, p. 35). A pesquisa se propõe a realizar uma análise das matrizes curriculares, bem como dos Projetos Político Pedagógicos dos cursos de Letras das Universidades Públicas do Estado de Minas Gerais: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Universidade Federal de Alfenas (Unifal); Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); que promovem a formação inicial e continuada de professores. Visando problematizar sobre tal questão, apresentamos as seguintes indagações: 1) Existe uma disciplina específica que aborde sobre os Letramentos? Qual é o status dado à disciplina? Qual(is) modalidade(s) de Letramento(s) e/ou eventos de Letramentos são abordados pela disciplina? A partir de uma visão de língua(gem) musical-corporal decolonial, para exposição das ideias, (re)visito as minhas práticas-pedagógicas, usando-as como palco de criação e reflexões teóricas [...], tal como aponta Rajagopalan apud MILLER (2011, p.103).

**Palavras-chave:** Letramento. Espanhol. Formação Docente. Reexistência.





## O USO DO TERMO “BATUQUE” NO PROCESSO DE GENERALIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES DE CANTOS DANÇADOS EM MOÇAMBIQUE E NO BRASIL

Ridalvo Felix de Araújo (Coletivo Erês)

### RESUMO:

“(…) Batuque é português, não é nossa língua. O Batuque está na cabeça de quem fala português. Essa palavra de veio de lá (...)”. Essa assertiva é de Atanásio Nyusi, mestre e professor de Danças tradicionais de Moçambique. A partir dela, realizo algumas reflexões sobre o uso genérico da palavra batuque para se referir às expressões africanas, afrobrasileiras, bem como àquelas de matrizes africanas encontradas na Europa. Apresento alguns registros e relatos de expedições que, em contato com africanos e seus descendentes, provocaram mais esse epistemicídio, resultando na vulgarização e depreciação de nossas tradições e das complexidades que as constituem. Como o uso da palavra batuque passou a ser usado para se referir aos cantos dançados negros? Considerando as reflexões acerca dessa incidência racista sobre as práticas musicais negras, proponho – a depender da situação e ocasião, principalmente no universo acadêmico – o uso da expressão cantos dançados acompanhada dos preceitos, valores e filosofias encontrados nas tradições negras.

**Palavras-chave:** Cantos Dançados. Batuques. Tradições Negras. Moçambique. Racismo.

## GRUPO DE TRABALHO 02 – CONHECIMENTOS, SABERES TRADICIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: MULHERES INDÍGENAS PROTAGONISTAS DECOLONIAIS

### Coordenadoras:

Profa. Esp. Edilene Machado Barbosa (Ufac)  
Profa. Edileuda Gomes de Araújo Shanenawa  
Profa. Maria Abijicélia Brandão da Silva Shanenawa

São as mulheres indígenas que acabam por promover a vida cultural e a continuidade da vida da comunidade. Não é por acaso que são 70% do corpo de docentes indígenas de todo o estado. São elas responsáveis pelo bilinguismo, pela interculturalidade, afirmação, identificação das crianças e formação de novas lideranças não só para os espaços escolares. Este GT objetiva proporcionar ao contexto acadêmico acesso a saberes e conhecimentos que podem quebrar com a colonialidade de nossas mentes, bem como promover a Educação das Relações Étnico-raciais e combater o racismo que se perpetua frente aos “prés e não conhecimentos”, também proporcionar a diferentes mulheres indígenas visibilidade de seus conhecimentos, saberes e práticas enquanto também produtoras, promotoras e pesquisadoras de conhecimentos e promover a igualdade e a decolonialidade no contexto universitário. As mulheres indígenas são protagonistas em suas comunidades de muitas atividades, entre elas: as práticas culturais de plantio, cuidados com os bebês e idosos, também de práticas do parto, da pajelança tradicional e da liderança representativa da comunidade (BARBOSA, 2019). São também as promotoras da interculturalidade (KAXINAWÁ, 1989; SHANANEWA, 2010). Estudantes indígenas comumente precisam se adequar às temáticas dos eventos e currículos acadêmicos, esta proposta abre possibilidades para que a universidade conceba saberes decoloniais, especialmente, mas não exclusivamente, protagonizados por mulheres de diferentes povos do estado do Acre. A educação e a formação de professores “tradicionais” têm muito a aprender e a descolonizar seus currículos. Este GT é aberto para trocas de conhecimentos a partir de mulheres e homens, jovens e não jovens indígenas e não indígenas, acadêmicos e não acadêmicos que pautem temas e assuntos indígenas.



**VI SEMANA EM FAVOR  
DE IGUALDADE RACIAL**

## ORIGEM DO FOGO NA FLORESTA

Albercia Brandão de Araujo

### RESUMO:

Este resumo relata a pesquisa com os anciões da Aldeia Morada Nova a história do surgimento do fogo. Justificativa é mostra a história e forma de educar pelo povo do Shaneawa. No meio da floresta morava um casal que tinha um filho e criava um periquito, certo dia seu esposo saiu para caçar, ao meio dia, nada de seu esposo voltar para casa, então fez o fogo e começou a fazer mingau para o filho com fome ao mesmo tempo o periquito também chorava ela com raiva da situação dos dois uri shekewe (sai daqui). Objetivo principal fazer um esboço e caracterização discursiva dos mitos. No Momento que ela empurrou a brasa ficou grudado em seu bico e o periquito sai voando para a floresta com a brasa no seu bico. Adiante a brasa caiu no galho do cumaru e começou a pegar fogo e se espalhou pela floresta, seu esposo estava voltando para casa. Metodologia utilizada foi através de entrevista aos anciãos do povo shanenawa. Referencial teórico o “mito” é uma verdade para o povo que o cultiva, profundamente enraizado no seu tecido social. De acordo com Mindlin (apud BRANDÃO; MARIA DE JESUS, 1999:54) aquela fumaça ele saiu correndo para chamou os parentes das outras aldeias e começou a chover então todas as pessoas e animais se reuniram para proteger. Portanto, em homenagem ao meu pai Yawa falecido, nessa pandemia vítima de COVID-19, o fogo e por último chegou o urubu que pisou em cima das cinzas.

**Palavras-chave:** Surgimento do Fogo. Aves. Habitat.



## PROTAGONISMO PROFESSORA INDIGENA SABERES TRADICIONAL E OCIDENTAL

Albercilda Gomes Brandão da Silva Shanenawa

### RESUMO:

O presente trabalho relata a história de uma professora da etnia Shanenawa, Albercilda Gomes Brandão da Silva Shanenawa. Sou professora da Escola Tekahayne Shanenawa da Aldeia Morada Nova no município de Feijó, tenho dois nomes na língua indígena um no povo Shanenawa, Rani, que significa nojo e outo no povo Yawanawa, Ixãpanã, que significa catita do açáí. Comecei a ser professora substituta na Aldeia Morada Nova I em 2004 com turmas da educação infantil, a professora era branca por esse motivo a comunidade me escolheu para ensinar os conhecimentos Shanenawa, como cantar, falar e escrever seus nomes em Shanenawa. Com o objetivo de escrever sobre o que se faz e o que se sente, tornando-se um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. Em 2010 lecionei nas turmas do 6º ao 9º ano com disciplina de História. Em 2015 comecei a cursar letras e concluí em 2020. No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento. No ano de 2018 passei no processo seletivo simplificado para indígenas. Souza (2004) revela que escrever sobre si remete o sujeito para uma dimensão de "auto escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si" (p. 72). Mesmo assim consegui alcançar meu objetivo maior e que era ter a graduação. Portanto agradeço todas as pessoas que me ajudaram nessa caminhada desde do início das minhas experiências que me deram a oportunidade de ser professora e acadêmica.

**Palavras-chave:** Trajetória. Ensino. Nuke Tsãy. Protagonismo. Mulher Indígena.



## RELATOS DE VIDA DE UM ESTUDANTE E PROFESSOR INDÍGENA HUNI-KUIN

Aldeni Nunes Matos

### RESUMO:

Este trabalho visa mostrar a história de um estudante indígena do povo Huni Kuin. Aldeni Nunes de Matos começou a estudar, no ano de 1991, na 1ª série do ensino Fundamental, na escola Indígena Nova Olinda. A justificativa é mostrar como os indígenas não desiste de lutar para ocupar seus espaços. O objetivo é relatar minhas experiências como aluno e professor indígena. Metodologia do professor era o Tradicional, sentávamos em filas e gostava de contar histórias da nossa própria etnia e outras histórias dos livros didáticos e faltava estrutura para o ensino de melhor qualidade. Com isso, quando vinha para o município de Feijó, pegava os jornais e as revistas que estava jogada na rua e levava para o barco para que pudesse fazer a leitura e consegui concluir o 1º grau. Em 2000 etapa final do Magistério foi de extrema importância e muitas conquistas. O referencial teórico será a perspectiva Cultural. A narrativa é um caminho para compreender os outros e o mundo, que acontece via a interação real (HUTTO, 2006). Obteve muita experiência como lecionar e fazer o plano de curso e plano de aula, também como confeccionar os materiais concretos e desenvolver com os alunos na sala de aula. Em 2006, ingressei no curso de nível Superior, na Universidade Federal do Acre (Ufac), Campus Feijó. No Programa Especial de Formação Básica Zona/Rural- Profir, no curso de Matemática. Como eu me preparei, consegui ficar em 1º lugar na classificação da turma de Matemática. Hoje agradeço a meus familiares, esposa e a meu povo pela sonhada conquista.

**Palavras-chave:** Identidade. Trajetória. Liderança Indígena. Histórias Povo Huni-Kuin.



## **O INGRESSO DE ESTUDANTES INDÍGENAS NO IFRS CAMPUS RIO GRANDE: CAMINHOS PARA A INTERCULTURALIDADE**

Aline Rodrigues Bilhalva (IFRS)  
Kevem Solano Guimarães (IFRS)  
Eliza Terres Camargo (IFRS)

### **RESUMO:**

Em 11 anos, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Rio Grande vem contribuindo para o crescimento da região e formação da comunidade. Entretanto, somente em 2020 duas estudantes indígenas, de origem Kaingang, ingressaram na instituição por meio da Lei 12.711/2012 (Lei de Cotas) no Curso Técnico em Enfermagem, tornando-se protagonistas na história deste Campus. Este acontecimento provocou na comunidade acadêmica uma consciência sobre a necessidade de aprendizagens sobre a sua cultura para que fossem acolhidas no ambiente predominantemente branco. Os povos indígenas mantêm seus saberes tradicionais de modo empírico e por meio da transmissão oral, o oposto do método científico, comumente utilizado no meio acadêmico; suas interpretações acerca do tratamento, cura, prevenção de doenças e sua visão sobre o paciente distinguem das visões da medicina alopática. Portanto, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) visa identificar as fragilidades nessa relação para acolher indígenas no instituto, procurando meios para sua adaptação e incentivando a aprendizagem e respeito por esse povo por parte dos demais discentes e docentes. O Neabi elaborou projeto de extensão voltado à causa indígena que conta com orientações às alunas sobre o ensino remoto durante a Pandemia, além de uma formação à comunidade sobre a história e cultura indígena, através de oficinas online. Tomando como base a tese de Emiliano (2020), o livro sobre Ações Afirmativas do IFRS (SONZA et al., 2015) e a ideia de interculturalidade de Fleuri (2003), pretende-se desenvolver ações voltadas à inclusão dos Povos Originários no Campus. Espera-se conseguir a permanência e êxito destas alunas, além de se preparar para receber cada vez mais estudantes indígenas, desenvolvendo uma experiência de interculturalidade.

**Palavras-chave:** Neabi. Estudantes Indígenas. Interculturalidade.



## EDUCAÇÃO ESCOLAR HUNI KUI: SABERES, EXPERIÊNCIA E BASE CURRICULAR

Danilo Rodrigues do Nascimento (Ufac)

### RESUMO:

Esta pesquisa trata dos processos dos professores Huni Kuĩ. Foi articulada a partir da dissertação (em andamento) deste pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (PPGLI – Ufac). A justificativa deste trabalho está em dimensionarmos novos saberes e experiência para a educação escolar indígena no Acre. O objetivo é compreender maneira e as práticas culturais e educacionais do povo Huni Kuĩ se articulam com a Educação Escolar Indígena através do uso de seus saberes, linguagens, línguas e organização curricular nas amazônias. Desse modo, a abordagem teórica utilizada partiu, da historiadora Almeida (2010), do pedagogo Dalmolin (2004), do filósofo Derrida (1973), do linguista Lima Kaxinawá (2014), Moita Lopes (2016) e Fazenda (1994). A metodologia aqui utilizada é de abordagem qualitativa. Por isto, o primeiro passo foi fazer um levantamento bibliográfico do que já foram produzidos sobre as escolas Huni Kuĩ. Em primeiro lugar, foi estudado os conteúdos relacionados à Educação Huni Kuĩ e os relatórios dos professores indígenas, por último a influência da educação no desenvolvimento das comunidades Huni Kuĩ. Nesse sentido, a “Base Estadual Comum Curricular Huni Kuĩ” – BECCH que foi percebida em toda a base. Portanto, a Educação Escolar Huni Kuĩ apresentou os pensamentos mundos para além do formato ocidentalizado. Assim, destacando o processo educacional Huni Kuĩ específico, aberto, rizomático e cheio de experimentações e possibilidades.

**Palavras-chave:** Educação Huni Kuĩ. Protagonismo. Interculturalidade.





## TRAJETÓRIA DE VIDA ESCOLAR DE UM ACADÊMICO INDÍGENA: DO ENSINO FUNDAMENTAL A GRADUAÇÃO

Dasu Inu Bake Huni Kuin (Ufac)

### RESUMO:

O presente relato de um acadêmico do curso de Pedagogia da Ufac, através do Parfor no núcleo de Feijó. Justificativa apresentar na forma e no método autobiográfico e na técnica de relato de vida. Objetivo visibilizar processo do magistério e análise reflexiva sobre os relatos autobiográficos. Metodologia O trabalho é uma pesquisa qualitativa realizada a partir da revisão de literatura e relato autobiográfico sobre os eixos: trajetória de formação escolar; inserção na docência; experiências e práticas em sala de aula. O resumo me deu a oportunidade de refletir sobre a construção da identidade docente, possibilitou fazer uma análise relacionada a proposições teóricas com o que vivenciamos ao longo de nossa trajetória de formação docente. Ao narrar minha história de forma autobiográfica, foi possível destacar pontos relevantes em meu processo de formação, bem como sobre a inserção na docência, experiências e práticas profissional. Discorri ainda sobre o processo do desenvolvimento de formação no magistério. Nas palavras de Connelly e Clandinin (1990), somos narradores e personagens de nossas histórias e das histórias dos outros. Nesse sentido, “o estudo da narrativa é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo. Essa noção geral transfere-se para a concepção da educação como construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais [...]” (CONNELLY; CLANDININ, *ibid*, p.2) foi então que cheguei ao final do meu curso de pedagogia em 2019.

**Palavras-chave:** Trajetória Escolar. Formação no Magistério. Experiência à Docência.



## **TRAJETORIA PROFISSIONAL, PROTAGONISMO MULHER INDIGENA SHANENAWA**

Gilcivane Brandão Borges Shanenawa

### **RESUMO:**

O presente resumo destaca a trajetória da profesora Gilcivane Brandão Borges Shanenawa. Nasceu em 17 de julho de 1987 é filha de Gilson Luís Borges e Ivanildes Brandão Borges, indígena tem dois nomes na língua Yawanawa, Keneyhu, e no Shanenawa, Shekiteshke, mora na aldeia Nova Vida. A justificativa é mostrar quando uma mulher indígena supera as dificuldades em seus estudos e trabalho, maior parte dos meus estudos foi na aldeia e hoje graça a Deus sou professora. Objetivo é registrar os momentos em tempo de estudante e professora da aldeia. Em 2005 assinei meu primeiro contrato provisório, com ensino médio incompleto para trabalhar na escola Moacir Brandão na aldeia nova Vida, trabalhava de manhã e estudava à tarde, tinha muita dificuldade pois já era casada e tinha filho. Metodologia utilizada foi relembando as próprias memórias vividas. Sem nenhuma formação fui me adaptando com as minhas pesquisas que fazia na aldeia. A minha formação docente atualmente é pedagogia, agora participo de vários cursos pela secretária de estado de educação por meio da coordenação indígena. Silva (2012), em seu estudo sobre o texto auto ficcional, apresenta Vilain (2009) que defende o exercício da escrita de si na ressignificação de memórias, reinterpretação de lembranças a partir da reflexão sobre a vida. No ano de 2015 iniciou a aula presencial por três meses, tive bastante dificuldade em ler e interpretar as apostilas enormes que os professores davam para apresentar seminário, na minha turma tinha duas etnias Shanenawa e Kaxinawa. Portanto nós indígenas tivemos o prazer de mostrar que somos capazes de enfrentar quaisquer obstáculos e vencer nossos objetivos.

**Palavras-chave:** Conhecimento Tradicional. Resistência. Persistência. Formação Docente.



## SHAWE SHENIPAHU: HISTÓRIA DO JABUTI

Iracilda Gomes de Araújo Shanenawa  
Eldo Gomes Barbosa Shanenawa (Ufac)

### RESUMO:

Antigamente o jabuti andava em bando a brincadeira predileta, era se balançar no cipó, todos os dias eles brincavam de balançar e soltava, uma onça pintada passando viu, eles. A onça gostou da brincadeira se aproximou deles pediu para brincar, prima não pode brincar conosco, você não é acostumado brincar como nós, você tem pele e pode se machucar. Com o objetivo de mostrar que não podia, a onça insistiu tanto que eles permitiram a onça se balançar se espetou no espinho de murmuro que varou seu corpo e não resistiu, acabou morrendo, os jabutis ficaram com medo e preocupados com que tinham acontecido pior. Nas narrativas lendárias, podemos verificar acontecimentos que ainda hoje estão presentes na sociedade e por isso ainda alimentando o fascínio pelas lendas, sem serem compreendidos como inferiores a outras formas de manifestações culturais. Para Souza (2011, p.23), no mesmo instante que a onça estava morrendo, ia passando outra onça e viu aquela cena de sua prima morrendo, imaginou que os jabutis tinham feitos aquilo a propósito, vocês mataram a minha prima. Pesquisa com os anciões, vou vingar a morte dela, os jabutis tentaram se explicar, mas a onça não quis ouvi-los, os jabutis arrancaram as cabeças e jogaram para todos os lados. O jabuti, o marimbondo quem ajudou a salvar, colocando as cabeças de volta ao corpo do jabuti, colocou a cabeça ao contrário, em vez de colocar a cabeça no pescoço, foram colocadas na bunda.

**Palavras-chave:** Educação. Histórias. Povo Shanenawa.



## PROFESSORAS NEGRAS DE INGLÊS E O DESCRÉDITO: O QUE ISSO TEM A VER COM O RACISMO ESTRUTURAL?

Luara Rodrigues Real (UEPG)  
Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG)

### RESUMO:

Este trabalho é resultante de uma reflexão para responder a um dos objetivos da pesquisa de dissertação de mestrado da autora (em processo de escrita), que é entender como o letramento racial crítico atravessa as vivências de professoras negras de língua inglesa. Trata-se de uma pesquisa narrativa na LA que contará com entrevistas/narrativas autobiográficas para a coleta de dados. A motivação da pesquisa vem do panorama da educação brasileira, que conta com poucas professoras negras de língua inglesa. Há vários estudos que versam sobre a forma como essas professoras convivem com a desconfiança da sua habilidade para desempenhar o papel de ensinar uma língua estrangeira que, aparentemente, não dialoga com sua identidade de raça, na visão dos discentes que entram em contato com essas profissionais (MELO, 2015; CRUZ; JÚNIOR; 2013; DIAS, 2013; GOMES, 1999; SENE, 2018; RIBEIRO, 2019). A análise se repousa principalmente nos supracitados estudos na área da LA, que versam sobre o lugar de insegurança à qual são submetidas essas professoras, em vistas de entender a relação do descrédito das professoras negras de língua inglesa com o racismo. Nos resultados parciais dos aportes teóricos, é possível observar que o racismo estrutural e estruturante na sociedade brasileira faz com que se coloquem em xeque as atribuições profissionais de professoras negras, pela sua identidade de raça e gênero, de maneira interseccional. Dessa forma, a luta antirracista é essencial como um todo, mas ainda mais na educação e no campo da educação de línguas, uma vez que a língua inglesa não deve ser tida como um capital cultural associado ao povo branco. É necessário que essa problemática enfrentada pelas professoras negras de língua inglesa seja exposta, discutida e cada vez mais, superada.

**Palavras-chave:** Professoras Negras. Ensino de Língua Inglesa. Interseccionalidade. Letramento Racial Crítico.



## A IMPORTÂNCIA DA CERÂMICA APURINÃ

Pamela Hingred de Souza Freitas Apurinã

### RESUMO:

Um item que faz parte da cultura Apurinã é a cerâmica, técnica aprendida exclusivamente pelas mulheres no passado e que apesar da forte colonização ainda continua viva e sendo aprendidos hoje também pelos por homens, mesmo assim esse público ainda é menor perto das mulheres que fazem a cerâmica. Continuar produzindo cerâmica na atualidade é um ato de resistência, já que as panelas de aço ocuparam espaço nas cozinhas dos Apurinãs, por isso quem domina essa técnica tende a ter uma autoestima elevada em relação, produzir cerâmica não é fácil e por isso é uma arte para poucas, as ditas “escolhidas”, requer enorme paciência, habilidade e empenho trabalhoso (por isso da autoestima elevada) então o orgulho se eleva quando conseguem produzir peças bonitas e de boa duração. No Camicuã são apenas quatro mulheres que fazem esse trabalho, mas as que sabem e não exercem é um número maior, eu me encontro no segundo grupo. E por isso desejo falar sobre a produção da cerâmica e a relação da ceramista com a própria obra.

**Palavras-chave:** Identidade. Cultura. Cerâmica. Apurinã.



## **LENDO ESCRITORAS INDÍGENAS NAS ESCOLAS DE PORTO VELHO-RO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E METODOLOGIA – DIALOGANDO COM OUTROS SABERES**

Patrícia Pereira da Silva (Unir)

### **RESUMO:**

Este resumo apresenta os resultados do projeto de extensão universitária Lendo Mulheres Negras e Indígenas nas Escolas de Porto Velho-RO dos discentes e ex-discentes do curso de Letras Português e UNIR Ensino Fundamental I e II, Médio e EJA das escolas de Porto Velho-RO, partindo do sujeito professor-discente e sua relação didático-pedagógica com os alunos de escolas públicas, no ano 2018 e 2019. O objetivo foi colaborar para que escritoras Negras e Indígenas pudessem ser lidas por alunos do ensino fundamental, médio e EJA de escolas públicas de Porto Velho – RO. A metodologia utilizada foi a aula expositiva baseada na teoria freiriana. Partimos do lugar de fala de cada aluno, respeitando o seu contexto cultural, antes de apresentarmos quem são as escritoras e seus escritos. Para este GT, propomos o recorte dos relatos de experiências e das metodologias que as discentes e ex-discentes do curso de Letras Português, atualmente apresentaram em sala de aula da educação básica sobre as escritoras indígenas. Através da extensão realizada com alunos de escolas públicas e com professores-discentes, identificamos a necessidade de aplicação da Lei 11.645, por parte do professor regente e da gestão escolar, através de atividades que não se reduzam a Semana Indígena. O projeto contribuiu com processo de socialização e inclusão das escritoras e de seus escritos em sala de aula, percebendo a recepção do aluno-leitor, além de possibilitar ao discente de Letras (professor-leitor) a oportunidade de dialogar com a comunidade escolar sobre uma literatura na maioria das vezes invisibilizada pela academia.

**Palavras-chave:** Lei 11.645. Escritoras Indígenas. Relato de Experiência. Docência. Extensão Universitária.



## GRUPO DE TRABALHO 03 – EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA PARA PROMOÇÃO DE IGUALDADE RACIAL

### Coordenadores:

Profa. Ma. Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Ufac)  
Profa. Esp. Andressa Queiroz da Silva (Ufac)  
Prof. Wálisson Clister Lima Martins (Ufac)

O presente grupo de trabalho é uma proposta de espaço para dar visibilidade a práticas pedagógicas que efetivem a Lei 10.639/2003 e 11.645/2008. Sua importância está em discutir uma temática ainda muito estigmatizada e silenciada em nossas escolas. Seu objetivo é, não somente compartilhar trabalhos que promovam igualdade racial no ambiente escolar, como também em mostrar como se é possível fazer estas leis serem executadas nas práticas a fim de sensibilizar outros profissionais da educação a se envolverem com esta temática e incluí-la em sua práxis pedagógica. Segundo Gomes (2011) a efetivação de uma nova lei exige mudanças estruturais e desta, em específico, a mudança deve começar na mentalidade de toda comunidade escolar, no intuito de romper com o racismo secular e institucional que todo sujeito negro enfrenta em sua sala de aula. Por isso, espera-se com este grupo de trabalho fortalecer as práticas pedagógicas em favor de igualdade racial no ambiente escolar, como também motivar o desenvolvimento de outras mais.



## O PROJETO DE PESQUISA: O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA LICENCIATURA EM HISTÓRIA (2018-2020) COMO FERRAMENTA DE APERFEIÇOAR A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Beatriz Domingos da Silva (Ufac)

### RESUMO:

O presente trabalho busca dar visibilidade ao projeto de pesquisa ainda em andamento intitulado “O Programa Residência Pedagógica (RP) na Licenciatura em História (2018-2020) como ferramenta de aperfeiçoar a formação inicial de professores”. A pesquisa buscará identificar e dar visibilidade sobre de que forma a RP e as práticas pedagógicas efetuadas pelos professores em formação que participaram do referido programa auxiliam no aperfeiçoamento da formação inicial dos mesmos. Aperfeiçoar a formação de professores faz parte do processo de melhoria da educação, ainda mais quando trata-se da educação para as relações étnico-raciais nas escolas, tendo em vista o longo histórico de lutas e resistências que esse tema traz. Contribuindo, assim, com a valorização da formação inicial dos docentes, em cumprimento do Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na Educação Básica, temática essa tão necessária no ensino, que faz parte do processo formador, identitário e de pertencimento étnico-racial dos alunos e que constrói também o respeito às diferenças. Como metodologia serão analisados os documentos oficiais construídos durante o Programa RP, a coleta de dados através da técnica de entrevista coletiva (discussão em grupo) e aplicação de questionário com perguntas objetivas e subjetivas relacionadas a temática ERER. O aporte teórico utilizado parte da definição que Gomes (2012; 2003) traz sobre ERER enquanto temática necessária da construção do pertencimento e da identidade negra, assim, também é trazida a contribuição de Nunes e Oliveira (2016) sobre a necessidade de uma boa qualificação docente junto a um bom programa de formação continuada se tornando algo indispensável, Andre (2019) que traz a necessidade de se compreender as peculiaridades da formação de professores entre outros autores.

**Palavras-chave:** Formação Inicial. Programa Residência Pedagógica. Educação das Relações Étnico-Raciais.





## CULTURA NEGRA NA PERCEPÇÃO DO GÊNERO MEMÓRIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 8º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ACREANA

Daniel do Nascimento Lopes (Ifac)

### RESUMO:

O objetivo da proposta é relatar uma experiência com a inserção de forma gradativa da Lei 10.693/2003 através do ensino da cultura afro-brasileira na disciplina de Língua Portuguesa em paralelo ao uso do gênero Memórias no oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola de Ensino Médio e Fundamental Theodolina Falcão Macêdo, em Rio Branco/Acre. O currículo abrange as experiências de aprendizagens implementadas pelas instituições escolares e que devem ser vivenciadas pelos estudantes. Nele estão contidos os conteúdos que devem ser abordados no processo de ensino-aprendizagem e a metodologia para os diferentes níveis de ensino. Ele contribui para construção identitária dos alunos na medida em que ressalta as individualidades e o contexto social que fazem parte. Há diferenças entre as teorias e abordagens curriculares, por isso a escola deve procurar discutir qual ela quer adotar para se chegar ao objetivo desejado. Essa escolha deve ser pensada a partir da concepção do seu Projeto Político Pedagógico que fundamenta a prática da instituição e as inquietudes dos alunos. O uso da linguagem vem, continuamente, se organizando em torno de gêneros, que são modos de dizer próprios de determinadas situações comunicativas. Em cada situação ou lugar a linguagem é construída de maneira peculiar. Ao abordarmos estes conteúdos com base na Lei 10.639, percebemos a surpresa e curiosidade dos alunos na identificação com as práticas culturais apresentadas. Observar que por meio do gênero memórias estes alunos perceberam em sua vivência e de pessoas de sua família a importância de suas raízes e formas de se expressar. O mais valioso foi enquanto docente, propiciar momentos únicos de construção, formação e aprendizado através da identidade afro-brasileira enraizada em nossas veias e que foi tão marginalizada para a exclusão enquanto sociedade. Assim, nos permitimos transformar os espaços educacionais, como agentes formadores de uma sociedade mais justa e igualitária.

**Palavras-chave:** Cultura Negra. Gênero Memórias. Lei 10.639/2003. Currículo Escolar. Projeto Político Pedagógico.



## **JÚLIA MARTINS, PADRE JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA E EDUARDO DAS NEVES: RACISMO ESTRUTURAL E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XIX E XX**

Edwardy Oliveira Benicio de Melo (Ufac)

### **RESUMO:**

Este trabalho visa discutir acerca do racismo estrutural enfrentado por três artistas negros brasileiros que viveram e trabalharam com o meio artístico entre os séculos XIX e XX, sendo esses José Mauricio Nunes Garcia padre e musicista, Júlia Martins atriz de teatro e Eduardo das Neves cantor e compositor. Todos enfrentaram resistências e ataques devido ao racismo estrutural da sociedade Brasileira que em decorrência da estrutura social construída no Brasil, que constitui o poder social das relações raciais não apenas de um sujeito de uma raça sobre o outro, mas constrói também o poder de um grupo sobre outros, que é possibilitado quando a estrutura social permite, por meio das instituições, controle direto ou indireto de algum grupo em benefício de outro. Essa estrutura atravessa organizações políticas, econômicas e jurídicas constituindo assim o racismo estrutural como um processo histórico e político. Os artistas a serem estudados nesse trabalho se propuseram a enfrentar essa estrutura para que pudessem ocupar o espaço artístico onde não eram bem-vindos, sofrendo com oposições que vão da sociedade artística até o próprio império português e posteriormente do governo Brasileiro. O trabalho utilizará como procedimento metodológico o levantamento de dados do Projeto de Pesquisa Pérolas Negras, que faz parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Federal do Acre (Ufac). Como referencial teórico serão utilizados os trabalhos de Abreu (2010), De Castro (2011) e Lopes (2009). Assim como Almeida (2019) para conceituação do racismo estrutural. Ao fim espera-se encontrar indícios que comprovem o apagamento e racismo sofrido por esses artistas, que mesmo ao se destacarem em suas produções e interpretações, não eram devidamente reconhecidos em razão do racismo estrutural da sociedade Brasileira. E que, entretanto, resistiram e foram figuras importantes para o avanço da população negra no meio artístico.

**Palavras-chave:** Racismo Estrutural. Artistas Negros. Brasil.



## OLHARES SOBRE HELVÉCIA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Eliene Santos Nascimento (UFSB)

### RESUMO:

Este estudo cumpre a finalidade de apresentar o processo de elaboração de um conjunto de sequências didáticas que se constituem como resultados de uma pesquisa realizada na Comunidade Quilombola de Helvécia, através do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia. As sequências versam sobre a história da comunidade quilombola de Helvécia e pretende fazer reflexões e debates sobre a descolonização da visão eurocêntrica e hegemônica do currículo e das práticas pedagógicas. Tece considerações, sobre a importância da formação de professores (as), por esta constituir-se um dos pilares para a implementação do trabalho com a diversidade na sala de aula, além de analisar a importância da utilização de sequências didáticas como estratégias metodológicas no processo de ensino-aprendizagem e suas contribuições para a inclusão da História Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar tal como preconizado pela Lei nº 10.639/03. A pesquisa se tornou possível a partir das contribuições de um grupo de estudo constituído por professoras quilombolas da comunidade, profissionais que no exercício cotidiano da docência na Escola Municipal João Martins Peixoto, viabilizam a mediação entre os estudantes do Ensino Fundamental e o processo de produção de conhecimentos. Os referenciais utilizados para fundamentar os encontros de estudos pautaram-se teórico e metodologicamente nas questões propostas por Nilma Lino Gomes (2006), Luís Fernandes de Oliveira (2005) e Vera Maria Ferrão Candau (2014), Miguel Arroyo (2011), assim como, o texto das Leis 9.394/96, 10.639/03 e 11.645/08, Santana (2010), Gomes (2010) e Santos (2017).

**Palavras-chave:** Ensino. Sequências Didáticas. Relações Étnico-Raciais. Comunidade Quilombola.



## UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE DISCRIMINAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Emanoela Maria Freire dos Santos (Ufac)

Huendson Vitorino da Silva (Ufac)

### RESUMO:

Esta pesquisa trata de casos de discriminação racial ocorridas no ambiente escolar, mediante análises de reportagens de jornais veiculadas na cidade de Rio Branco-Ac entre 2011 a 2017. A partir dessa análise buscamos identificar fatores decisivos para os casos de ocorrências de racismo contra pessoas negras no âmbito da escola. Com base em Castro e Abramovay (2006) buscamos compreender quais modalidades de preconceitos ocorrem com mais frequência nesse ambiente, identificando segundo Jr (2002) os efeitos que este tipo de discriminação traz quanto ao ensino-aprendizado, enquanto Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2011) propõe que a educação desperte nos alunos questões que os torna vítima, tanto social quanto racial e econômica, que através do uso destes questionamentos se construa uma educação libertadora. Nesse sentido, analisaremos: 1) quais as modalidades de preconceitos; 2) os reflexos da discriminação racial no ensino/aprendizagem; 3) a ação das políticas de prevenção. Através dos resultados foi possível perceber que ambiente escolar reproduz a discriminação étnico-racial disseminada na sociedade, seja através de comportamentos, palavras, brincadeiras e até da omissão e que as políticas públicas desenvolvidas ainda não são suficientes para superar este problema. Desta forma, se faz necessário a elaboração de novas leis que atendam a causa dos negros no Brasil, em todos os sentidos.

**Palavras-chave:** Discriminação. Preconceito. Ambiente Escolar. Ensino-Aprendizagem.



## EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DOS NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

Flávia Rodrigues Lima da Rocha (Ufac)  
Andressa Queiroz da Silva (Ufac)  
Wálisson Clister Lima Martins (Ufac)

### RESUMO:

O Neabi/Ufac reeditou suas formações continuadas no ano de 2020. Sob o contexto de pandemia, foi preciso renunciar às formações já tradicionais oferecidas há anos no cenário da educação antirracista do estado do Acre, sobretudo para professores da rede de educação básica, mas encontrou uma nova forma de atuar para promover igualdade racial por meio de formações em formato de oficina, como a oficina de revisores de Língua Portuguesa para formar profissionais que possam atuar nas publicações do núcleo; a oficina do OJS: operacionalização e edição de periódicos eletrônicos, com o intuito de formar profissionais para atuarem no periódico do núcleo; e, por fim, a oficina de Introdução ao Canva, com o objetivo de capacitar sujeitos para manipular instrumentos básicos de criação de designs na plataforma Canva. A importância deste tipo de formação é a ampliação de conhecimento técnico e especializado em áreas de atuação onde a branquitude é preponderante. Por isso, o objetivo destas formações tem caráter de ação afirmativa, no intuito de abrir espaço para negros e negras não apenas atuarem em espaços onde ainda são discriminados, como também empoderar estes sujeitos por meio de seus saberes. Devido ao contexto pandêmico, as oficinas ocorreram de forma online, em momentos teóricos e práticos; todas envolvendo discussões coletivas e resultados compartilhados. Este trabalho compactua com bell hooks (2017), em compreender que a educação como prática libertadora é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender; e também com Freire (2019) sobre ensinar ser uma forma de intervenção no mundo, o que leva-se a considerar que estas formações são estratégias antirracistas do Neabi/Ufac, intervindo assim na mudança de cenário, quanto aos sujeitos que detêm conhecimentos especializados e lançar nestes espaços ainda tão embranquecidos sujeitos com suas negritudes fenóticas e intelectual.

**Palavras-chave:** Neabi/Ufac. Formação em ERER. Movimento Negro Educador.



## COLETÂNEA UNIAFRO: EDUCANDO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Jardel Silva França (Ufac)

### RESUMO:

Este texto tem por objetivo compartilhar a experiência vivida durante o ano de 2020 como integrante da equipe editorial da coletânea Uniafro: Práticas Pedagógicas em Educação das Relações Étnico-raciais na Educação Básica, realizada pelos membros do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Federal do Acre (Ufac). A compilação consiste na reunião dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) resultantes do Aperfeiçoamento Uniafro: Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola, do ano de 2016, a formação cujos objetivos eram capacitar educadores a aplicação da Lei 10.639/2003 na educação básica, oferecendo conhecimentos metodológicos e técnicos para se ensinar história e cultura afro-brasileira. Neste sentido o referencial de aporte aos cursistas e a coleção são Gomes (2017), Munanga (2015) dentre outros títulos. Destaca-se que o presente material é fruto da atuação múltipla enquanto participe do curso e membro da organização do livro. O exemplar em comento, divide-se em seis sessões, tendo como base temas interdisciplinares, abordando: arte, mídia, educação, religiosidade, literatura, representatividade e história. Os TCC's foram desenvolvidos a partir de intervenções pedagógicas realizadas pelos discentes em diferentes escolas de perímetro urbano e rural do estado do Acre, que por meio de sequências didáticas propuseram revisitar assuntos indicados no currículo escolar institucionalizado. As ações relatadas no compêndio almejavam a promoção de igualdade racial, através dos conteúdos já propostos em sala de aula. Face ao exposto nos artigos dos cursistas e nas experiências decorrentes da elaboração da obra, concluímos que a Educação das Relações Étnico-raciais ainda tem uma longa jornada para atingir seu foco, apesar dos seus quase vinte anos de inserção na legislação educacional brasileira.

**Palavras-chave:** Coletânea. Intervenções Pedagógicas. Lei 10.639/03. Uniafro.



## FÓRUM PERMANENTE DE EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL DO ACRE: ENFRENTAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Kaliny Custódio do Carmo (Ufac)

### RESUMO:

Os Fóruns Permanentes de Educação Étnico Racial, segundo o Guia da diversidade étnico-racial (2010), são conjuntos que tem sua formação ligada a indivíduos que representem instituições da sociedade civil e do poder público, que realizam reuniões periódicas e de forma continua com o intuito de conceber apoio para o desenvolvimento de políticas para a educação e execução das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. O Fórum Permanente de Educação Étnico Racial do Acre – FPEER/AC, criado em 2008 por reivindicação do movimento negro acreano, tem a importante função de conduzir, apresentar e discutir ações que gerem políticas públicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais e conseqüentemente, a implementação adequada da Lei nº 10.639/2003. Esta proposta de pesquisa, tem o intuito de apresentar como as ações do FPEER/AC tem contribuído para uma educação antirracista no estado do Acre. A metodologia utilizada neste trabalho será análise documental e entrevistas. Como aporte teórico serão utilizados Silva e Barbosa (1997) que defendem a educação e a informação, como formas de enfrentamento e resistência da população negra e Gomes (2017) que considera a educação como agente capaz de produzir saberes emancipatórios para os negros e negras brasileiros. Sendo assim, considera-se que o FPEER/AC é um organismo civil, fruto do movimento negro no Acre, que busca realizar práticas que contemplem a história e cultura africana e afro-brasileiras na educação acreana e seu papel é fundamental para o combate do racismo estrutural em âmbito educacional.

**Palavras-chave:** Educação. Fórum Permanente de Educação Étnico Racial do Acre. Movimento Negro.



## O NEABI/IFRS COMO INSTRUMENTO DE SUPORTE AO ENTENDIMENTO DA NEGRITUDE DENTRO E FORA DO IFRS

Maria Alice Machado Rodrigues (IFRS)  
Monise Soares Gomes (IFRS)  
Eliza Terres Camargo (IFRS)  
Sabrina Duro Rosa (IFRS)

### RESUMO:

As questões étnico-raciais precisam ser trabalhadas nas escolas de acordo com a Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas redes de ensino básico, sendo esta uma conquista dos movimentos negros e seu sucesso depende da sua implementação e dos esforços de gestores e da capacitação de servidores. Portanto, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) Campus Rio Grande desenvolveu o projeto de extensão “Causa Negra e Educação”, que conta com duas bolsistas, cujo objetivo é ampliar o conhecimento da história e cultura afro-brasileira, de modo a aprofundar o entendimento sobre as questões raciais e a empoderar a população negra. Para isso, o Neabi vem trabalhando de maneira remota para troca de saberes a respeito da afrobrasilidade, através de ações como: divulgação de posts, rodas de conversa, lives e vídeos nas redes sociais, consolidação de parcerias institucionais, realização de reuniões com grupo de estudos formado por membros do núcleo e contratação de profissionais para ministrarem oficinas voltadas à temática negra. Tomando como base teórica Rosa (2019) e Almeida (2019), nossa expectativa é que cada vez mais pessoas se interessem por questões pertinentes à negritude, para então colocar em prática princípios antirracistas, de modo a contribuir com a mudança na maneira que pessoas negras são vistas dentro da nossa sociedade. Esperamos que o projeto possa mostrar a importância que a abordagem de temas étnico-raciais exerce nas relações do nosso cotidiano, em especial nos meios estudantis. Desejamos, também, que o Neabi seja um núcleo de inspiração e orientação para todos, dentro e fora do instituto.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista. Neabi/IFRS. Negritude.





## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS E PROFESSORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO ACRE

Maycon David de Souza Pereira (Ufac)

### RESUMO:

O racismo no Brasil tem uma face velada, negada e muitas vezes oculta, manifestando-se de diversas formas, passando pela falsa democracia racial, onde é propagado o mito de que no país vive-se um verdadeiro paraíso diversamente racial, assim ocultando e negando a existência deste na sociedade brasileira. Isto posto, e considerando que o Estado brasileiro constata a existência do racismo na sociedade nacional, surge como avanço no combate ao racismo a Lei 10.639/2003, fruto da luta antirracista do Movimento Negro, determinando o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica (BRASIL, 2003), tornando imprescindível à discussão em torno de uma educação antirracista na formação continuada de professoras/es, numa perspectiva decolonial. Compreendendo assim que esta formação é uma maneira de expandir a prática pedagógica e os conteúdos disciplinares aos professores/as que não tiveram uma experiência com a Educação das Relações Étnico-Raciais em sua formação inicial, dessa forma ampliando os debates, as construções de conhecimentos e um maior arsenal de saberes, pois uma educação antirracista não só proporciona bem-estar humano, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileira. (CORENZA, 2018; SILVA; ROCHA 2020). Essa pesquisa objetiva analisar como a educação antirracista tem sido introduzida na formação continuada de professoras/es no Estado do Acre. Seu processo metodológico será constituído de três fases: 1) levantamento e estudo de referenciais bibliográficos; 2) construção e aplicação de um questionário e/ou roteiro de entrevista destinados aos responsáveis pelas formações continuadas da Secretaria de Estado de Educação e Secretaria Municipal de Educação, bem como da Universidade Federal do Acre e o Fórum Permanente de Educação Étnico-Racial; 3) análise e discussão dos dados obtidos. Ao final da pesquisa esperasse averiguar como a educação antirracista vem sendo introduzida nas formações continuadas de professoras/es na Educação Básica do Estado do Acre.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista. Educação das Relações Étnico-Raciais. Formação Continuada. Lei 10.639/2003.



## **DE ÁFRICA PARA O MUNDO: VISLUMBRE DIFERENTE PARA OS POVOS AFRICANOS ATRAVÉS DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA**

Paulo Alves de Azevedo (Ufac)  
Andrisson Ferreira da Silva (Ufac)

### **RESUMO:**

O processo de evolução da humanidade sempre esteve atrelado à descoberta. Isto posto, aprendemos na escola que os seres humanos dominaram várias técnicas para obter melhores condições de sobrevivência na terra desde os primórdios da humanidade; o domínio do fogo pelo homo erectus e a invenção da roda são relatos pré-históricos. A invenção da pólvora, da bússola, do astrolábio na idade média são outros exemplos de descobertas creditadas às civilizações oriental e ocidental retratadas nos livros didáticos. É difícil encontrar – para não ser pessimista – invenções atribuídas aos povos africanos, ao contrário, enfatiza-se bastante as condições desumanas nas quais eram trazidos no tráfico transatlântico e as de subalternização, principalmente nas terras do Novo Mundo. O objetivo deste trabalho é mostrar que África, além de berço da civilização, tem fundamental importância para a construção do conhecimento científico e tecnológico existente hoje. E, nesse prisma, através de referenciais teórico-metodológicos buscaremos compreender como vem sendo desenvolvidos trabalhos e pesquisas comprovadores da relevância dos conhecimentos de matriz negra, com destaque para Cunha (2014), descrevendo a contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico universal, Munanga (2015) asseverando a importância de ensinar a história da África e do negro na atualidade e a Lei 10.639/2003, suporte legal assegurado da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica. As pesquisas no âmbito acadêmico têm se mostrado importantes na busca pela afirmação da relevância dos povos africanos em diversas áreas do conhecimento, como a engenharia civil, a medicina, a química, a física e a matemática; a implantação dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – Neab's e Neabi's – corroboram também para uma educação pautada nas relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** África. Povos Africanos. Ciência e Tecnologia. Lei nº 10.639/2003.

## GRUPO DE TRABALHO 04 – LINGUAGENS E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

### Coordenadores:

Profa. Dra. Luciana de Mesquita Silva (Cefet/RJ)

Prof. Dr. Dennys Silva-Reis (Ufac)

O número de informações atuais está cada vez mais rápido e dinâmico. As novas plataformas de comunicação, seus usuários e os novos gêneros textuais são prova disso. Entretanto, as questões de raça, cor e gênero estão aí submersas – por vezes de forma positiva e, por vezes, de forma negativa. Segundo Mikhail Bakhtin (1997), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Desse modo, de que forma o uso da língua se relaciona com questões étnico-raciais? Neste GT, esse questionamento será norteador para a proposição de comunicações, as quais poderão englobar diversos âmbitos da linguagem, seja ela oral, escrita ou multimodal, em diferentes contextos como a literatura, a tradução, a comunicação, as ciências sociais e as artes. As diversas linguagens de expressão humana não fogem do raciolinguístico, ou seja, de ideologias racio-linguísticas que produzem sujeitos falantes racializados por práticas linguísticas normatizadas (NASCIMENTO, 2019). Uma vez considerando que nenhuma prática da linguagem é neutra, podemos perceber que se faz urgente pensar de que modo as questões étnico-raciais se configuram nas práticas languageiras a fim de auxiliar na construção de sociedades menos racistas e classistas. A cultura e as artes são elementos privilegiados de mudança de paradigmas quando se pensa em estratégias antirracistas, feministas e étnico-responsáveis (CUKIERMAN; DAMBURY; VERGÈS, 2018). Desta forma, os trabalhos deste GT aprofundam as relações entre as linguagens (línguas, artes, expressões humanas) e as questões étnico-raciais (dimensões simbólica, cultural, territorial, mítica, política e identitária).



## AFROETNOMATEMÁTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS INICIAIS: UMA PROPOSTA EM CONSTRUÇÃO, PELA PESQUISA, E UMA CONVICÇÃO DE “UM NÃO - LUGAR”

Claudionor Renato da Silva (UFJ)

### RESUMO:

Afroetnomatemática é um termo para práticas pedagógicas matemáticas, construídas pelo movimento negro brasileiro para auxiliar e “melhorar” o ensino-aprendizagem dos estudantes, nos quilombos e nos espaços urbanos de população majoritariamente negra das cidades brasileiras. Avança-se o conceito, para dizer, neste trabalho, que a Afroetnomatemática é também a prática de pesquisa em Educação Matemática, na vertente de estudos d’ambrosianos e gerdesianos – referencial teórico em “baliza”, que se debruça para “identificar” ou “produzir” ciência matemática de matriz africana. Justifica-se o presente estudo dado que o mesmo, fortalece a Lei 10.639/03 e 11.645/08 no sentido de demonstrar a riqueza dos saberes matemáticos tanto de “aplicação”, mas também, na riqueza de identificação das potencialidades do que se pode chamar de ciências matemáticas de matriz africana - situação utópica; “não-lugar” nos livros didáticos de matemática. Objetiva-se, então, neste estudo em andamento, apresentar as produções sob a Afroetnomatemática e seus alcances no âmbito da pesquisa em Educação Matemática; demonstrar como, ainda, a Afroetnomatemática está num “não-lugar” nestes Livros Didáticos. A metodologia desta investigação é bibliográfica, no levantamento, tanto das produções em Afroetnomatemática, quanto da análise da coleção “Ar – Aprender e Relacionar”, aprovada no PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) de 2019. As considerações preeliminares é que a pesquisa está mais adiante do que a “realidade” dos Livros Didáticos: o não-lugar da Afroetnomatemática é visível (simplesmente não há nada sobre a matemática de matriz afro-brasileira ou de matriz africana (do continente). Mas, há de se destacar, a presença, ainda que, em menor quantidade, de pessoas negras no primeiro livro analisado, o livro do 5.º Ano em, em posições profissionais liberais, por exemplo. A investigação prossegue nas análises com grandes desafios de localização dos “utópicos” ou “não-lugares” da Afroetnomatemática que são potenciais tanto para o campo da pesquisa em Educação Matemática como para os objetivos da igualdade racial.

**Palavras-chave:** Afroetnomatemática. Livro Didático. Educação Matemática.



## ORALIDADE FINGIDA E TRADUÇÃO SENSÍVEL: REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS DA MULHER ANTILHANA NA OBRA DE MAYOTTE CAPÉCIA

Daniele de França Nolasco (Ufac)

### RESUMO:

Muitas obras da literatura antilhana são repletas de registros orais e o principal objetivo é fazer com que a língua e a cultura das Antilhas sejam difundidas pelo mundo. Esses registros podem ser considerados um tipo de oralidade fingida, em que se tenta tornar os diálogos o mais próximo possível de uma conversa real. Na Martinica (Departamento Ultramarino Francês), embora o francês seja língua oficial, o créole martinicano, língua predominantemente oral e muito utilizada na ilha, toma a frente em muitos aspectos. Vale ressaltar que o créole é língua de resistência, de combate à colonização, por isso está presente em muitas produções literárias das Antilhas, inclusive, nas narrativas escritas. Quando se decide traduzir essas obras, torna-se uma tarefa sensível, pois o tradutor ou a tradutora precisará agir com cautela na transposição dos diálogos para a língua portuguesa. Este trabalho busca refletir sobre possibilidades de tradução dos registros de oralidade fingida presentes no livro de Mayotte Capécia (1916-1955), *Je suis Martiniquaise* (1948), obra que traz diferentes questões ideológicas sobre o lugar e o papel da mulher (negra) na sociedade martinicana, o que justifica sua tradução para o português, tendo em vista a correlação com o contexto brasileiro. No entanto, preocupa-se com a representação linguística da narrativa de Capécia no Brasil, de modo que o imaginário da mulher martinicana seja, de fato, transmitido ao público leitor.

**Palavras-chave:** Oralidade Fingida. Antilhas. Créole. Tradução. Mayotte Capécia.



## A IMPORTÂNCIA DO PRETOGUÊS PARA A HISTÓRIA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO

Erika Danielle Pereira dos Santos (Ufop)

Lucas Aredes Alves (Ufop)

Mariana Monteiro Vieira (Ufop)

### RESUMO:

Este resumo trata de um projeto de pesquisa que reflete a mistura - provocada e com intencionalidade - de povos escravizados no sequestro transatlântico e seus desdobramentos na realidade sócio histórica brasileira. O objetivo é problematizar o uso da língua oficial - como forma de apagamento da cultura, raízes africanas e manutenção da desigualdade racial. Pretende-se descobrir como a linguagem se relaciona como formas de resistência do povo preto e como a travessia marítima propiciou a constituição do que Lélia Gonzalez chama de pretoguês, termo cunhado pela autora, em seu artigo “Racismo e sexismo”. A linguagem no Brasil mantém, historicamente, relação com a questão étnico-racial, sendo a língua uma forma de resistência dos africanos em diáspora, termo esse que define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais, originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. E entendendo o pretoguês, como forma de organização entre os pretos unificados e lançados nos navios negreiros a partir de uma concepção universal da negritude, que desconsiderou diferentes etnias existentes em África, resultando em sistêmicas formas de desigualdades na sociedade brasileira. Entendendo também, que a ideia de raça inferior foi construída pela branquidade, difundida por movimentos eugênicos. Ressalta-se a importância da pesquisa qualitativa, metodologia capaz de evocar a realidade a partir de uma perspectiva crítica, considerando o Brasil enquanto território de diversidade e de vastas referências culturais. Entende-se, portanto, que a norma linguística padrão, cria abismos para as formas de comunicação e acesso. Para romper com práticas que excluem pretas/os é fundamental criar e fortalecer, cotidianamente, estratégias de modo que não seja reforçada a discriminação racial forjada pelo preconceito linguístico.

**Palavras-chave:** Questão Étnico-Racial. Linguagens. Pretoguês.



## CORPO NEGRO E CABELO CRESPO: REFLEXÕES PARA AÇÕES DOCENTES

Glucia Aparecida das Chagas (Unirio)  
Valéria da Silva Lima (IFRJ)

### RESUMO:

Este resumo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tencionamos estudar sobre a prática docente quanto ao papel do negro na sala de aula, levando em conta a subjetividade e identidade étnico-racial. Alguns artigos de Nilma Lino Gomes (2008) e de literatura negro-brasileira (SILVA, 2010) foram nossos aportes teóricos. A lei 11.645/2008 que trata da inclusão da obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena” na Educação Básica, também compõe nosso arcabouço teórico. Realizamos, por meio desse trabalho, uma revisão bibliográfica descritiva em que apresentamos os livros de literatura infantil *Betina*, da autora Nilma Lino Gomes (2009) e ilustrações de Denise Nascimento e o livro *Amoras* do autor Emicida (2018) ilustrado por Aldo Fabrini. Esses livros possibilitam o trabalho com temáticas e ilustrações que valorizam a negritude nos textos. O trabalho educativo com a estética do corpo negro e cabelo crespo são importantes na construção da identidade negra e o seu papel no espaço escolar. Temos uma herança de escravidão que silencia o corpo negro, sua identidade cultural, religiosa e corporeidade. Precisamos buscar meios para que todo brilho e originalidade negra floresçam, em especial, no ambiente escolar. A mudança curricular e sua descolonização podem ser possíveis a partir de tomadas de decisões conscientes. Nesse sentido, as ações docentes com a utilização de livros de literatura infantil que tratam dessas temáticas devem ser mediadas no ensino, colaborando para que o corpo negro e o cabelo crespo sejam representados como símbolos de resistência, democratização e busca por igualdade étnico-racial.

**Palavras-chave:** Cabelo Crespo. Identidade. Cultura Negra. Subjetividade Negra.



## RECORRENTE, MAS POUCO EXPLORADA: UM ESTUDO SOBRE A COBERTURA DA QUINZENA DA MULHER NEGRA NO *SITE NOTÍCIAS DO ACRE*

Jaine Araújo da Silva (Ufac)  
Francielle Maria Modesto Mendes (Ufac)

### RESUMO:

Este resumo se refere a uma pesquisa que tem como objeto de estudo 10 textos coletados no site Notícias do Acre, agência de notícias do governo do estado. O estudo objetiva investigar como o veículo construiu a cobertura sobre a Quinzena da Mulher Negra entre os anos 2015 e 2019. Os textos analisados foram escritos durante os governos de Tião Viana (Partido dos Trabalhadores) e Gladson Cameli (Progressistas). A hipótese proposta supõe que as matérias enfatizariam os feitos do governo do estado com relação às mulheres negras, justamente pelo fato do site ser um veículo de assessoria de comunicação. A pesquisa se justifica a partir da importância de estudar as problemáticas que atingem mulheres negras, no mínimo duplamente oprimidas pelos marcadores de gênero e raça. Neste sentido, a Quinzena da Mulher Negra tem relevância por sua proposta de chamar atenção para tais problemáticas e, principalmente, constituir um espaço de debate e construção de alternativas de enfrentamento. A partir do estudo dos textos, à luz da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), conclui-se que as representações sobre a Quinzena da Mulher Negra construídas no site Notícias do Acre entre 2015 e 2019 apresentam relação quase nula com a realidade acreana, além de tratarem as temáticas de forma genérica. Ademais, a hipótese proposta foi parcialmente confirmada, pois, conforme a análise, há nos textos uma supervalorização das programações da Quinzena e de supostos avanços nas lutas raciais e de gênero, embora o mesmo conteúdo jornalístico não explore tais avanços e vastidão de atividades programadas, de modo que os textos constantemente repetem o que já foi dito. Na discussão teórica, são abordadas as ideias de Miquel Alsina (2009), Murilo Soares (2009), Lélia Gonzalez (1984), Sueli Carneiro (2011), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Mulheres Negras. Notícias do Acre. Quinzena da Mulher Negra. Representações.





## DEBATES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DO ENSINO MÉDIO AO ENSINO SUPERIOR

Josirene Aparecida de Souza Carvalho (SEEDUC)

### RESUMO:

O presente resumo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso, da graduação de Pedagogia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). O tema aborda a importância do curso normal em nível médio como formação inicial, tendo como objetivo contribuir para o aprofundamento dos debates sobre a formação de professores em nível médio inicialmente e seguida pela formação em nível superior. Destarte justifica-se a pertinência desse estudo, buscando apresentar a importância do Curso Normal em nível médio, como também as estratégias para a melhoria de sua qualidade, visando despertar a conscientização dos futuros docentes no combate a toda e qualquer forma de discriminação, bem como difundir e assegurar a ampliação do conhecimento a partir das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 que incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Na Metodologia adotou-se a pesquisa bibliográfica que forneceu aporte teórico sobre a formação de professores, fundamentado em Paulo Freire (1996), Leonor Maria Tanuri (2000), Selma Garrido Pimenta (1999), Célia Maria Fernandes Nunes (2001), Helena Costa Lopes de Freitas (2007) e João Antonio C. de Monlevade (2009), Marta Avancini (2011), Leny Cristina Soares Souza Azevedo & Maria Cristina dos Santos Peixoto (2011) e Jair Santana (2010), como também em pesquisa realizada junto aos professores que tem o curso normal em nível médio no seu processo de formação, bem como o relato de experiência. Os resultados obtidos apontam que os professores possuem uma visão objetiva do curso normal como preponderante para o exercício da prática docente, situando as relações e contradições entre a formação do professor em nível médio e em nível superior e a prática docente como uma ação consciente e reflexiva. Demonstrando assim a necessidade de a formação docente integrar-se à profissionalização de forma consciente e humanizada.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Curso Normal. Pedagogia. Saber Docente. Conhecimento.



## DOS PRIVILÉGIOS DA BRANQUITUDE AO TEATRO COMO (EN)CENAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Laura Leste Lemos (Coletivo Erês)  
Ridalvo Felix de Araújo (Coletivo Erês)

### RESUMO:

Partindo do impacto que a educação tem no desenvolvimento do pensamento crítico e na formação da consciência racial, se torna um interesse construir uma avaliação sobre o uso da linguagem teatral para a produção de reflexões sobre as expressões de poder da branquitude. Como essa discussão pode possibilitar práticas educacionais em que o Teatro possibilita uma interlocução sobre as questões relacionadas à raça e gênero voltados para a educação infantil? A nossa pesquisa, ainda em fase inicial, pretende construir metodologias para práticas em sala de aula que abordem um reconhecimento racial, bem como apontar os processos de manutenção dos privilégios efetivados pela branquitude. A partir da aplicação dos planos de aula no ambiente escolar, pretendemos documentar e refletir sobre as experiências vividas, e contribuir com o debate acerca da consciência e diversidade racial no ambiente educacional. Portanto, partimos do pressuposto de que a arte também carrega uma função de transmutar os valores sociais e produzir novas perspectivas, numa busca por um projeto educativo emancipatório e plural nas suas expressões. Os trabalhos de Nilma Lino Gomes contribuem para localizar onde estão as frágeis estruturas que sustentam o racismo vivido nas escolas. Suas reflexões nos levam a pensar nas relações escolares como um dos lugares de reprodução da opressão racial. Contudo, para analisar e refletir sobre as faces da branquitude brasileira e suas tantas especificidades, destaco como referência Lia Schucman, que possibilitou uma reflexão profunda sobre os privilégios que a branquitude mantém na sociedade brasileira. Portanto, diante desses caminhos iniciais, partimos do pressuposto de que a arte também carrega uma função de transmutar os valores sociais e produzir novas perspectivas, numa busca por projetos educativos emancipatórios e plural nas suas expressões.

**Palavras-chave:** Branquitude. Teatro. Infância.

## PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL COM A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Leticia da Rocha de Araújo (UFMS)

### RESUMO:

O presente trabalho tem como principal foco abordar como os educadores podem utilizar a literatura afro-brasileira como instrumentos didáticos para promoção da igualdade racial nas escolas. O objetivo geral é identificar quais principais literaturas os educadores podem utilizar para promoção da igualdade racial. Diante disso, definiram-se como objetivos específicos conceituar raça. Bem como, esclarecer as possibilidades para ensinar essa temática que visa minimizar crimes raciais. Munanga (2005) explica que o racismo na escola leva muitos alunos negros a desistirem do processo educativo. Outra questão relevante diz respeito à Lei 10639/03 que determina a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos africanos. O presente estudo consiste em pesquisa de caráter descritivo a partir de pesquisa bibliográfica em artigos, livros entre outros. Com o levantamento das informações ao longo da pesquisa e das análises das informações foi possível concluir que por meio literatura afro-brasileira é possível promover a igualdade racial nas escolas.

**Palavras-chave:** Igualdade Racial. Ensino. Literatura Afro-Brasileira.



## EMBRANQUECIMENTO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA: REPRESENTAÇÕES SOBRE O TERMO MORENA NO TEXTO “DANAH COSTA – A MUSA DOS PARALAMAS”

Lisânia Ghisi Gomes (Ufac)  
Francielle Maria Modesto Mendes (Ufac)

### RESUMO:

O referido resumo faz parte da dissertação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), da Universidade Federal do Acre (Ufac) e tem como propósito apresentar reflexões sobre o embranquecimento e a sexualização da mulher negra, a partir de texto publicado na coluna Cultura 20, no jornal Página 20, no mês de março de 1997, sob o título “Danah Costa – A musa dos Paralamas”. Para esse trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica e análise documental. Para subsidiar as discussões sobre linguagem, cultura, representação e como tais conceitos são disseminados pela mídia, foram utilizados os autores Stuart Hall, Kathryn Woodward, Terry Eagleton, Roque de Barros Laraia e Murilo César Soares. Para as discussões sobre embranquecimento e sexualização da mulher negra, foram utilizadas as autoras Yvone Maggie, Giralda Seyferth e Grada Kilomba. Dentre os resultados obtidos estão: embranquecimento da mulher negra como forma de reforçar discursos racistas e segregadores, com também para afastar a mulher negra do ambiente de negação e marginalização que a sociedade brasileira atribui às pessoas negras, além da sexualização e objetificação do corpo da mulher negra.

**Palavras-chave:** Embranquecimento. Sexualização. Representação. Mulher Negra.



## PSICOLOGIA NO ENFRENTAMENTO A COVID-19: UM TRABALHO COM OS INDÍGENAS VENEZUELANOS WARAO

Patrícia da Silva (Ufac)  
Anne Luzia de Lima Barja (Ufac)  
Karolyne Marques da Silva (Ufac)

### RESUMO:

O projeto de ensino Psicologia no enfrentamento a Covid-19 surge a partir do Edital nº 08/2020 com a proposta de um trabalho voltado aos grupos em situação de vulnerabilidade, subdividindo-se em três vertentes: População negra; População indígena; Imigrantes e refugiados. Este trabalho menciona especificamente dos indígenas venezuelanos da etnia Warao que estão refugiados no estado do Acre, por esse olhar, é perceptível que em grupos minoritários existe uma potencialização dos preconceitos durante a pandemia. O trabalho com esse grupo foi despertado através de uma visita ao abrigo onde residem, nesse processo, foi possível observar essa potencialização vivenciada, com o racismo, xenofobia, vulnerabilidade econômica tão presentes em sua rotina. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo apresentar o projeto como uma forma de suporte psicossocial a esse grupo, por meio de ações assistenciais e atividades lúdicas de cooperação, dar visibilidade ao povo Warao existente no estado, gerar uma autonomia individual (devido às barreiras linguísticas presentes e o isolamento social). Como referência, as práticas tem base no reconhecimento das especificidades dos grupos, incluindo vulnerabilidades econômicas e sociais, assim como sugere a Fiocruz (2020), assim como também o respeito pelos saberes desses povos, além de promover o diálogo e a autonomia e autogestão, como cita Campos (1996), colaborando assim com o fortalecimento dos objetivos propostos. Como procedimento metodológico, é de característica participativa, realizando encontros semanais de diálogos e atividades, conhecendo mais de sua cultura e envolvendo-a com as nossas ações. Sendo assim, nosso projeto visa o reforço de sua cultura e autonomia, além da inclusão ao novo país de moradia, realizando escutas, diálogos, atividades com o objetivo de discutir e refletir sobre suas vivências nesse país, para que assim o suporte psicossocial seja mais acessível e gere novos pontos de vista para a reflexão.

**Palavras-chave:** Pandemia. Indígenas Warao. Xenofobia. Racismo;

## A VISÃO ROMÂNTICA, COLONIALISTA E IMPERIAL NO ETNÓLOGO MARTIUS, 1863, REVER PARA ENTENDER E DESCONSTRUIR

Selmo Azevedo Apontes (Ufac)

### RESUMO:

Os registros colonial e imperial criaram muitas narrativas alegóricas sobre povos originários e sobre povos da grande diáspora africana. Muitos cronistas e pesquisadores criaram narrativas sobre o que encontraram, o que esperavam encontrar e sobre o que imaginaram. O processo de escrita nem sempre é transparente, nem sempre o narrador deixa claro sua visão de mundo e a visão do “objeto” de pesquisa. Por isso, esta comunicação objetiva mostrar como um desses pesquisadores deixa bem evidente sua visão sobre a situação dos povos em situação de quilombagem, composta de negros, índios, mulatos, brancos. A Metodologia será bibliográfica, a partir do livro: Carl Fred. Phil. Von Martius, *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), na cidade de Erlangen, editora Druck Von Junge & Sohn. Referencial Teórico é o da linguística, Calvet (2002), Câmara Jr. (1965), Antônio de Nebrija (1492). O texto é uma coletânea, um glossário de línguas (indígenas) brasileiras. Escrita com duas colunas: latim e em línguas específicas. Martius revela seu pensamento romântico, colonial e imperial ao reduzir o estatuto dos povos que não se encontravam segundo o perfil de uma visão romantizada dos indígenas. Segundo ele, as nações Gês agora falam uma “geringonça”; os Canoeiros e os Muras eram uma “horda” errante, formando uma espécie de quilombo dos “párias” da sociedade, “mixtura de índios com Mulatos, Cabras, Negros e Brancos, que foram banidos da comunidades dos Christãos, deserotres da ley e da civilização (sic)”. Esses povos misturados transformaram sua língua em “uma gíria de ladrões, volúvel e sem fundamento gramatical, o que simboliza seu estado moral depravado”. Verifica-se que Martius nega um novo fenômeno que não quer ver e a presença dos novos sujeitos da nova comunidade social, um registro de quilombos de gente fugindo dos “modelos de civilização e de expansão” da lei e da civilização do tronco e da escravidão.

**Palavras-chave:** Visão Romântica. Visão Colonialista. Pesquisas. Narrativas. Desconstrução.



## REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA E NEGRO-BRASILEIRA NAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS DOS ANOS INICIAIS: DIÁLOGOS COM O ENSINO DE CIÊNCIAS

Valéria da Silva Lima (IFRJ)  
Maylta Brandão dos Anjos (Unirio)  
Giselle Roças (IFRJ)

### RESUMO:

Este resumo é parte da Tese de Doutorado do Propec - Programa de Pós-Graduação strictu sensu em Ensino de Ciências do IFRJ campus Nilópolis. O tema abordado baseia-se no questionamento de como relacionar a contação de história a respeito do ensino de ciências nos anos iniciais. Nesse âmbito, conduzindo ao objetivo geral – que visa colaborar com docentes à promoção de Contação de Histórias associada ao progresso da vida. Por isso, compreendemos que a constante prática da Contação de Histórias auxilia o professor na mediação de saberes e contribui para a aprendizagem transformadora nos âmbitos sociais e de valorização das etnias indígenas e negro-brasileiras. Os fundamentos teóricos estão ancorados no paradigma da crítica social em que (2014) e Freire (2020) fornecem elementos para compreensão das construções histórico-sociais. Celso Sisto (2012) e Ilan Brenman (2012) contribuem para a ação enunciativa da arte de Contar Histórias como exercício de interação social. A lei 10.639/03 alterada pela 11.645/08 fundamenta-se na inclusão das temáticas de valorização negra e indígena no currículo da Educação Básica e os livros de literatura infantil e infanto-juvenil podem ser recursos importantes para as docências. Diante disso, Munduruku (2009), Gomes (2012) e Cuti (2010) dissertam sobre essas temáticas nas questões da terra, do ambiente, da estética do corpo, dos cabelos negros e da literatura negro-brasileira. Adotamos a metodologia do tipo participante (BRANDÃO, 2017) em que a Análise Livre Interpretativa (ANJOS; RÔÇAS; PEREIRA, 2019) será utilizada para apreciação das observações participantes nas histórias contadas por docentes que atuam nos anos iniciais da Rede Municipal de Barra Mansa-RJ. Esperamos que histórias sejam contadas de maneira inclusiva nas docências dos anos iniciais. Que povos indígenas e negro-brasileiros sejam valorizados e representados nas histórias, incluindo as Ciências do ambiente e da vida.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Inclusão Indígena e Negro-Brasileira. Ensino. Aprendizagem nas Ciências.



# GRUPO DE TRABALHO 05 – PRODUÇÕES ESTÉTICAS NEGRAS EM DEBATE INTERSECCIONAL: MEMÓRIA, PERIFERIAS E COLONIALIDADE

## Coordenadores:

Prof. Dr. Rodrigo Pedro Casteleira (Unir)

Prof. Me. Jefferson Gustavo dos Santos Campos (UEM)

Ao pensar as práticas culturais e as produções estéticas negras como enunciado, na acepção foucaultiana do termo, e envoltas em problematizações interseccionais, questionamos: quais são os possíveis impactos desse gesto para a própria existência do sujeito? Quando miramos nossos currículos de arte na educação formal, são notórios os apagamentos orquestrados sobre artistas da negritude e/ou as categorizações de arte periférica que “representam” as produções de si sobre si. Trata-se, portanto, de um flagrante do “etiquetamento universal” (CASTELEIRA; CAMPOS, 2020) das produções artísticas racializadas, deslegitimando produções assinadas por pessoas negras e relegando o tema racial apenas à assinatura da branquitude. Frente a isso, esta chamada é um convite para a apresentação de pesquisas, concluídas ou em andamento, ou de relatos de experiência com o objetivo de mapear, debater e aprofundar os diálogos entre a produção de/sobre arte negra (literatura, pintura, performance, produção audiovisual, etc.) adjetivada como periférica, atravessada pelo/no corpo (e identidade) negro latino nos circuitos exteriores ao esquema colonialista que determina o que e quem está na ordem do visível e do enunciável, a fim de provocar ruídos a partir desse local de enunciação/produção/circulação artística que abalem o que está no chamado centro do poder.





## INFÂNCIA ROUBADA E ADOLESCÊNCIA ESTEREOTIPADA

Ana Lúcia Mathias (UFPR)

### RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo demonstrar que o racismo e a ignorância caminham de mãos dadas a ponto de afastar dos bancos escolares pessoas negras, sobretudo por causa de suas estéticas. Nesta trajetória de vida me posiciono como mulher negra, nascida no norte do Paraná, menina pobre, e que cresceu brincando com uma espiga de milho. Aos 6 anos fui para escola com os cabelos em tranças que minha mãe fazia durante a noite porque tinha que sair muito cedo e quem acabava cuidando de mim era meu irmão mais velho. Então, até o horário da aula eu já estava toda descabelada, com uma trança para cima e outra para baixo, isso sem contar o rosto cheio de cinzas porque tinha que acender o fogão a lenha para esquentar a comida. Com o tempo eu já não gostava mais de ir para escola devido aos xingamentos. Cada vez mais eu tinha certeza que gostaria de ter o cabelo igual ao da espiga de milho, tanto que por volta dos 11 anos de idade, minha colega e eu ficamos sabendo que cocô de “GALINHA PRETA” deixava os cabelos lisos, fortes e crescia. Pois achando que era uma grande descoberta, coitada das galinhas pretas!! Então, essa escrita objetiva refletir quais os dilemas das meninas, jovens, adolescentes e mulheres negras em relação à sua estética, seu corpo e, principalmente seu cabelo, se depara com o preconceito no âmbito escolar nesta sociedade brasileira racista. Neste sentido, Gomes (2006) o artigo vem ao encontro com uma descrição formal de métodos e técnicas, inserindo uma proposta pedagógica antirracista no âmbito escolar com pretensão em alcançar a positividade em relação à identidade e aceitação da jovem, adolescente e mulher negra na sua estética corporal.

**Palavras-chave:** Educação. Racismo. Memória. Estética.



## **A PRESENÇA DA CRIANÇA NEGRA NA HISTÓRIA DE VILHENA – RO (1960-1980)**

Daniella Cristina dos Santos de Souza Batista (Unir)

Josiane Brolo Rohden (Unir)

### **RESUMO:**

Este trabalho busca promover a visibilidade da criança negra no cotidiano da história da Educação de Vilhena, Rondônia, entre os anos de 1960 a 1980. Sabe-se que na história, as crianças não receberam a visibilidade merecida por seus papéis sociais, culturais e, nesse cenário, as crianças negras são praticamente ainda mais invisibilizadas. Poucos registros contam com a presença de crianças não brancas durante o processo de colonização e migração de Vilhena, como se não houvesse a presença de diferentes etnias. A história contada é branca, sem pretos, pardos, sem os povos originários da floresta. Assim, a relevância deste trabalho é realizar um estudo sobre as crianças negras, ouvir suas vozes e experiências vivenciadas no cotidiano de uma sociedade que se formava branca, numa educação feita pelos e para os brancos. Contudo, intenta-se analisar o espaço ocupado pela criança negra no cenário social que se formava a partir de fontes históricas como registros escolares, fotografias, documentos e também a partir das memórias de sujeitos participantes desta pesquisa. Também, como se trata de uma pesquisa que envolve o tema da diversidade cultural, essa investigação contribuirá para a discussão de ruptura do modelo eurocêntrico no ensino e sucessivamente na análise histórica e social da participação do negro na construção de uma educação multicultural na escola brasileira.

**Palavras-chave:** Criança Negra. História da Infância. Diversidade Cultural. Vilhena-RO.

## O MOVIMENTO HIP HOP E A UFOP

Gabriel Galo (Ufop)  
Ana Paula Rezende (Ufop)  
Mariana Monteiro Vieira (Ufop)  
Jussara Lopes (Ufop)

### RESUMO:

Este resumo trata-se de uma pesquisa realizada em 2018, no âmbito das disciplinas Pesquisa e Serviço Social I e II, do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), que busca refletir em torno das complexidades das relações étnico raciais presentes na instituição UFOP, em seus campi nas cidades de Ouro Preto (Morro do Cruzeiro), Mariana (ICSA e ICHS) e João Monlevade (ICEA), para com a comunidade em que se localizam. Dessa forma, objetiva-se com este estudo a percepção de acessibilidade do movimento Hip Hop no espaço universitário como discente e/ou artista. Objetiva-se, ainda analisar a relação entre a Universidade Federal de Ouro Preto e o movimento Hip Hop de Mariana – Minas Gerais, problematizando as relações institucionais e compreendendo os sujeitos como agentes transformadores e intelectuais orgânicos, atravessados pelos marcadores sociais de Classe, Raça e Gênero. Assim, a metodologia utilizada para sua realização foi através de uma pesquisa qualitativa, com dados coletados sob entrevistas realizadas com membros do movimento Hip Hop da cidade de Ouro Preto e Mariana, e sistematizada com dados referentes ao acesso à Universidade promovidos pela adoção de Políticas de Ações Afirmativas. Tendo-se como aporte referencial o Materialismo Histórico Dialético elaborados nas obras Coutinho e Angela Davis, as contribuições de Roberto Oliveira sobre a percepção da vida social brasileira no rap, podemos compreender como a lógica Neoliberal impacta na produção de conhecimento, profundamente marcada por uma apropriação e fomentação de conhecimento eurocentrada, se põem como estrutura excludente de saberes, intelectualidades, vivências e seres não brancos, cabendo à esses um processo de resistência protagonizados pelo Neabi/Ufop e movimentos negros locais, onde inserem-se os sujeitos do movimento Hip Hop, como organizadores de eventos, intelectuais, artistas e comunicadores sociais.

**Palavras-chave:** Movimento Hip Hop. Universidade. Ufop. Racismo.



## “QUEM MATOU MINHA MENINA?”: ESCRIVÊNCIAS DE TRAVESTIS NEGRAS E DISCURSOS DA RESISTÊNCIA

Maxmillian Gomes Schreiner (Unicentro)

### RESUMO:

Em 2019, a artista brasileira cuir-contemporânea Jup do Bairro lançou seu primeiro álbum musical realizado de forma independente. *Corpo Sem Juízo* emerge como acontecimento levantando a discussão sobre os afetos que atravessam interseccionalmente os corpos de travestis negras. Fazendo eco à produção estética escreviente da renomada autora Conceição Evaristo, Jup utiliza da linguagem musical para nos contar histórias sobre sujeitas e sujeitos “negros” em sua inscrição de vida, nos seus atos performativos e resistentes. Trazendo à tona os temas dos afetos que perpassam identidades de gênero “divergentes”, Jup convoca à própria Evaristo para narrar o processo de uma mãe que se depara com um grupo de pessoas em volta de um corpo caído no chão, de braços e morto. Em nosso gesto analítico, tomamos como referencial teórico metodológico os Estudos Discursivos Foucaultianos para pensar as relações de poder necro/biopolíticas que atravessam o enunciado feito por Conceição na obra de Jup: “Quem matou minha menina?” Para tanto, elencamos algumas noções do pensamento feminista negro, a interseccionalidade, bem como o debate de gênero em sua perspectiva decolonial para questionar de que maneira o trabalho de Jup irrompe como resistência no interior de um dispositivo racista, em que a memória do assassinato de Matheusa Passareli evoca à urgência de desdobrarmos as ações que visam matar corpos que (não) importam.

**Palavras-chave:** Travesti. Escrivência. Poder. Interseccionalidade.



## EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA: UM MODO DE NARRAR AFETOS NEGROS

Rodrigo Pedro Casteleira (Unir)

### RESUMO:

O presente trabalho é uma discussão referente à materialização de uma experimentação artística e os conceitos atravessados nela. A obra culminou em uma instalação artística, Lavagens, realizada no I Seminário de Artes Visuais – Corpo a Corpo: Presenças Plurais, de 25 a 28 de novembro de 2019, na Universidade Estadual de Maringá/PR, trata-se de uma obra pensada e projetada em 2018, composta por 25 bacias com uma fotografia da minha infância presa dentro de um sabonete de glicerina e colocado um em cada uma delas. As bacias receberam água tingida de vermelho em uma escala que oscilou da água mais tingida de vermelho até a mais clara, representando o desenvolvimento de uma criança, bem como escalas de morte, algumas, talvez, pelas vias do Estado. A ideia era de suscitar nas pessoas memórias e políticas de afetos de suas infâncias, além de provocar reflexões sobre as mortalidades de corpos negros, ainda durante a infância. Como modo de alocar minhas influências e atravessamentos, fui contaminado pelas obras e performances sobre negritude de Jota Mombaça (2017), Michelle Mattiuzzi e Pedro Galiza, além de perspectivas e atravessamentos de/sobre arte com Ludmila Rediviva e Maddox. Trago, ainda, conceitos de necropolítica de Achille Mbembe (2018), de uma educação que precisa ser subvertida, segundo a pesquisadora bell hooks (2017), além de Megg Rayara (2017), com sua acidez necessária para uma academia ainda arredia às existências fora da norma. A instalação, em certa medida, é uma tentativa de criar narrativas artísticas negras a partir de si e não uma representação alhures e distante, a fim de deslocar a margem para algum centro.

**Palavras-chave:** Experimentação Artística. Necropolítica. Memória. Afetos.



## **FLÁVIO CERQUEIRA NA AULA: UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA NO ENSINO DE ARTE**

Simone Rocha de Abreu (UFMS)  
Rafael Dantas de Oliveira (UFMS)

### **RESUMO:**

Esta pesquisa versa a respeito da proposição de um ensino formal de arte na educação básica com viés antirracista, a partir da leitura crítica das obras do artista Flávio Cerqueira e inserção das mesmas em projetos de ensino. Respalda da Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira na rede de ensino nacional. Esta pesquisa tem por objetivo propor uma educação e ensino de arte com viés antirracista e decolonial a fim de contribuir para a emancipação e equidade racial. A partir de Fanon (2008), Lélia Gonzales (1984), Silvio Almeida (2020) e Jerry Dávila (2006), buscou-se identificar e contextualizar como o marcador de diferença “raça” foi pensando e articulado pela elite política e intelectual do Brasil república, e como utilizaram da educação como ferramenta no processo de tentativa de embranquecimento da população brasileira. Sendo a educação um campo de disputa política e epistemológica, tendo como referencial a teórica Bell Hooks (2017), Paulo Freire (2011) e Vera M. Candau (2008), propomos um ensino de arte que ultrapasse a mera representação e/ou apresentação de artistas negros em salas de aula, visando oportunizar o pensamento crítico dos alunos a respeito da interseccionalidade dos sistemas opressivos, raça, gênero e classe. Para tal, apresentamos as obras do artista Flávio Cerqueira e promovemos leitura crítica das imagens através iconologia proposta por Erwin Panofsky (2011), observando o contexto em diálogo com Anibal Quijano (2005), Carla Akotirene (2018), Lilia M. Schwarcz (1993), Spivak (2010) e Abdias Nascimento (2016) para tecer uma crítica das obras nas quais Cerqueira aborda temas como racismo, questões de gênero, genocídio da população negra, embranquecimento, memória, destituição de monumentos históricos, relações de poder e construção das identidades negras.

**Palavras-chave:** Flávio Cerqueira. Educação. Antirracismo. Arte.



## A MEMÓRIA COLETIVA EM NARRATIVAS NEGRAS FEMININAS E CONTEMPORÂNEAS: UM DIÁLOGO ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Tarik Mateus Adão da Costa de Almeida (UEM)

### RESUMO:

O trabalho propõe promover um diálogo possível entre duas autoras negras e contemporâneas, da literatura de autoria feminina, sendo elas Conceição Evaristo e Djaimilia Pereira de Almeida. Justifica-se, assim, pela importância de análise teórica, crítica e metodológica de discursos literários produzidos por mulheres negras, em língua portuguesa. Dessa maneira, a partir das obras *Becos da Memória* (2017) e *Esse Cabelo* (2017), propomos debater de que forma a memória coletiva se formaliza esteticamente nessas narrativas, e demonstram movimentos de ruptura perante à história oficial de sociedades colonizadas. De acordo com Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva é fundada por grupos sociais e comunitários que compartilham de uma experiência história e social, tendo assim, “pontos em comum” (HALBWACHS, 1990, p. 34). Para Stuart Hall (1996) o processo de construção de identidade é concebido a partir de “sistemas culturais” que unificam os sujeitos em torno de “práticas representativas”. O nosso interesse, nesse ínterim, é perspectivar de que modo a memória coletiva, explicitada nessas obras, torna-se uma prática de representação para a construção da identidade em um contexto de conflitos culturais, e em sociedades que carregam em sua historicidade às problemáticas do colonialismo. Observou-se, assim, que a memória coletiva está amplamente relacionada à questão da diáspora em *Esse Cabelo*, e da escrevivência em *Becos da Memória*. Em ambas as narrativas a escrita emerge em um contexto de resistência contra hegemônica, trazendo à tona diversas vozes sociais que se coadunam, nesses discursos literários, de maneira polifônica.

**Palavras-chave:** Narrativas Negras Femininas. Práticas Representativas. Memória Coletiva. Literatura Comparada. Estudos Pós-Coloniais.



## **VOZES FEMININAS: GRUPO FOCAL EM COMBATE AOS PRECONCEITOS DE RAÇA E GÊNERO NO PERÍODO PANDÊMICO**

Thais Santos da Cruz (Ufac)  
Liliana Piedade de Oliveira (Ufac)  
Edwardy Oliveira Benicio de Melo (Ufac)

### **RESUMO:**

O presente trabalho busca discorrer sobre o Projeto Vozes Femininas, coordenado pela Professora Doutora Patrícia da Silva, que nasce a partir da inquietação acerca da vulnerabilidade social vivenciada pela mulher negra e se intensifica no período pandêmico, em um país marcado pela desigualdade de gênero, raça e classe. Entendendo que a mulher negra sofre opressões que se interligam partimos da perspectiva interseccional. Nosso pressuposto é apoiado no trabalho de Hankivsky (2012), no qual a análise das desigualdades demanda um estudo que contemple diversos aspectos que se inter cruzam, a exemplo da raça/etnia, gênero, classe social, idade, região geográfica e nível de conhecimento, dentre outros. Logo, os encontros buscam possibilitar um espaço de diálogo sobre as vivências compartilhadas pelo pertencimento e identificação da identidade étnico racial em comum. A interseccionalidade conceituada por Collins (1990) e revisada por Silva; Faro e Lima (2017) servirá para a compreensão da vulnerabilidade das mulheres negras para discorrer sobre as opressões sofridas que perpassam pela desigualdade de raça, gênero e classe. Para tal está sendo estruturado um grupo focal que se constitui pela organização de grupos de debate e conversa com mulheres negras, onde a escuta e debate de suas realidades são o foco, os encontros são realizados em uma plataforma online, a partir desse processo, se realizam, reflexões e acolhimento sobre as perspectivas de temáticas relacionadas à discriminação racial e preconceito. Utilizando eixos temáticos sobre as questões de raça e gênero, como introdução de diálogos. Sendo assim, este grupo focal, que se encontra em andamento busca ao final contribuir para a valorização da autoimagem de mulheres negras, que são atingidas em sua vida principalmente, porém, não exclusivamente, pela discriminação racial que percebida ou não, é capaz de causar danos psicológicos com as mais diversas consequências no processo de aceitação de sua imagem e identidade.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Interseccionalidade. Pandemia.



## GRUPO DE TRABALHO 06 – REDE MULHERAÇÕES: SABERES E CONHECIMENTOS DECOLONIAIS PARA DEMOCRATIZAR A UNIVERSIDADE

### Coordenadoras:

Profa. Ma. Sulamita Rosa da Silva (Ufac)  
Profa. Ma. Cláudia Marques de Oliveira (Ufac)  
Profa. Beatriz Domingos da Silva (Ufac)

Esse grupo de trabalho visa reunir especialmente de mulheres que apresentem assuntos, temas relacionados aos saberes e vivências tradicionais, experiências, escrevivências, pesquisas, angústias e contraposições frente ao viés ainda colonizador que por vezes enfrentamos na sala de aula, nos movimentos, diferentes espaços, ações e formações. Através da Rede Mulherações, pretendemos valorizar e visibilizar as categorias gênero e raça de modo interseccionado (CRENSHAW, 2002), contribuindo para o desenvolvimento de escritas e pesquisas acadêmicas ou não. O conceito de autodefinição de Collins 2019 é o princípio estruturante da proposta. As integrantes desenvolvem, coletivamente, os significados de ser uma mulher de cor nos diferentes espaços e em especial na academia. Esta exclui e inferioriza todas as epistemologias não-ocidentais, expressando a continuidade da colonização do saber (TORRES, 2019). Tal padrão de poder afeta diretamente as vidas e as produções de mulheres negras, indígenas e afroindígenas, as quais, na grande maioria dos casos, não encontram nas universidades brasileiras espaços, leituras e orientações que se relacionam com suas demandas no enfrentamento do racismo estrutural, sobretudo no estado do Acre. Em suma, são privilegiadas temáticas que promovam o protagonismo das mulheres negras, afroindígenas e indígenas, contribuindo para fortalecimentos e afirmações identitárias de modo positivo, bem como o enfrentamento ao racismo e ao sexismo. Proporcionando assim abertura para promover no contexto universitário conhecimentos, saberes, experiências e vivências decoloniais erroneamente entendidas como não acadêmicas.



## TEATRO DO OPRIMIDO PARA MENINAS INTERNAS DO INSTITUTO SOCIOEDUCATIVO

Anderson Fabrício Teixeira Soares (Ufac)  
Flavio da Conceição (Ufac)

### RESUMO:

Nessa escrita apresento uma breve reflexão sobre a experiência de mediação, de uma oficina de Teatro do Oprimido, realizada no Instituto Socioeducativo (ISE) Mocinha Magalhaes (Unidade Feminina), na cidade de Rio Branco, no estado do Acre, pelo Projeto Educação para as relações Étnico-Raciais (SEPPIR), lançado através do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), na Universidade Federal do Acre (Ufac). Com isso busco apresentar desde a minha chegada e recepção, a realização da oficina e reflexão das meninas participantes. Pensando na relação do teatro em espaços socioeducativos, foi utilizando a metodologia embasada na teoria do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Partindo dos “joguexercícios” que estão no seu livro “Jogos para atores e não atores” (2008), que objetiva uma espontaneidade e desmecanização do corpo, percebia-se de início, um “engessamento” no corpo das meninas. Pensando no conflito com a lei, nessa escrita me apoio numa reflexão gerada na leitura do livro “A Estética do Oprimido” (2009), em que Boal desde o início nos orienta voltar à reflexão à criação de estímulos. A partir do momento que percebemos a inserção na sociedade, nos posicionamos enquanto indivíduos éticos, participativos e provocadores de transformações. A começar, no instante em que percebemos essa visão de uma realidade concreta, a consciência ganha evidencia e o contato com a arte nos instiga a transformação. Enquanto seres capazes e produtores na sociedade, que, se enraíza cada vez mais no crescente gráfico de opressões, percebemos assim, que é uma das ações de ser transformado e transformador de realidades. Em síntese, a relação do TO com esse espaço, fundamenta a minha vivência enquanto mediador dos jogos. Percebo-me como esse corpo “estrangeiro”, nesses espaços “murados” da realidade, em que o regime rígido passa a ser a única possibilidade para a readaptação da vida social e da liberdade.

**Palavras-chave:** Teatro do Oprimido. Instituto Socioeducativo. Meninas Internas. Relações Étnico-Raciais.



## MOVIMENTO AFROFUTURISTA NO BRASIL E SEUS REPRESENTANTES

Camila da Cruz Santos de Sousa (UFG)

### RESUMO:

O movimento afrofuturista visa o protagonismo negro, seja este na literatura, em filmes ou música. Este movimento teve como precursor um músico chamado Sun Ra, que dizia que o espaço é o lugar dos negros, pois neste planeta (terra) tinha-se apenas morte reservada a população negra, e sendo assim, aqui não é nosso lugar. Questões raciais são de extrema importância, em um país que a população negra é a mais vitimizada por homicídio, segundo o IBGE (2019). O protagonismo nesta literatura traz consigo uma outra visão para pessoas negras, para além de uma vítimas da sociedade. O objetivo deste trabalho é mostrar autoras e autores afrofuturistas brasileiros, que por meio da internet vem mostrando a cultura negra. Este movimento tem bastante força na ficção científica, e tem como principais nomes Octavia Butler, com seu livro *Kindred* (1979), que possui uma narrativa em primeira pessoa, de uma mulher negra. Fabio Kabral, com seu livro *Caçador Cibernético da rua 13* (2017), que mistura tecnologia, mitos iorubas e uma narrativa de um homem negro em primeira pessoa, que vive em uma cidade apenas com pessoas negras. Como procedimentos metodológicos, essa pesquisa em andamento é baseada nas leituras de livros de afrofuturistas, que estão emergindo formando este movimento. Como resultado parcial, é possível compreender um novo movimento surgindo, utilizando de protagonismo negro, construindo uma retomada de narrativa e findando com o epistemicídio de nossa cultura, contribuindo assim para uma luta antirracista.

**Palavras-chave:** Movimento Afrofuturista. Brasil. Literatura. Ficção Científica. Narrativa.



## POESIA MARGINAL: ELEMENTOS DE LUTA E MOBILIZAÇÃO DA JUVENTUDE NEGRA

Hellen Santos de Freitas (Ufac)

### RESUMO:

O slam é uma competição de poesia falada criada nos Estados Unidos por Marc Smith, mais especificamente em Chicago nos anos 1980 e trazido ao Brasil em 2008 por Roberta Estrela D'Alva. Originário do inglês, o termo slam quer dizer batida. Algo semelhante a uma "pancada". Os poetas abordam suas vivências como moradores da periferia ou como corpos políticos. Os slams são feitos em locais abertos na intenção de denunciar opressões. A poesia marginal, objeto de estudo desta pesquisa, consiste naquela produzida, a partir dos anos 1990, por sujeitos de um determinado perfil sociológico, conforme elucida Nascimento (2009, p. 42). Esses movimentos, caracterizados por uma sublevação intelectual marcadamente politizada, têm a pretensão de denunciar ou evidenciar as discrepâncias sociais (oni)presentes nas periferias, constituindo-se em espaços onde se busca estabelecer uma identidade coletiva. A necropolítica impede que jovens negros utilizem de sua voz e capacidades intelectuais para falar de suas vivências. A poesia é uma possibilidade de questionar o genocídio da juventude negra. A cada vinte e três minutos um jovem negro é assassinado no Brasil e segundo a 5ª edição do Atlas da Violência, por ano vinte e três mil jovens negros perdem suas vidas. Devido a esses índices a dignidade e a segurança ficam comprometidas e só através da poesia marginal isso é denunciado. Trago como objetivo questionar os cânones acadêmicos em favor da liberdade de expressão, mais espaço, valorização e visibilidade para as diversidades, em especial as diversidades juvenis. Como mulher afroindígena e slammer abordo essa temática através do conhecimento adquirido na periferia, no trabalho artístico (2018, 2020) e do lugar de fala, Ribeiro (2017). Como procedimentos metodológicos usamos o slam como elemento de resistência para com as supremacias elitistas. Como jovem universitária, pretendo através dessa narrativa destacar a importância da representatividade para o engajamento juvenil.

**Palavras-chave:** Ativismo. Engajamento Juvenil Negro. Arte Literária. Resistência. Mulheres Jovens.



## “O OUTRO DO OUTRO”: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS EM VEÍCULOS ACREANOS DE COMUNICAÇÃO

Jaine Araújo da Silva (Ufac)  
Francielle Maria Modesto Mendes (Ufac)

### RESUMO:

Este trabalho reúne as reflexões iniciais organizadas para uma pesquisa de mestrado sobre as representações sobre mulheres negras produzidas, reproduzidas e difundidas em veículos de comunicação acreanos. Neste momento da pesquisa, é feita uma revisão bibliográfica com o intuito de entender como o jornalismo, enquanto uma forma de produção de conhecimento, constituinte da história do presente e produtor, reproduzidor e difusor de representações configura a cobertura de assuntos referentes a sujeitos marginalizados socialmente – caso das mulheres negras. Também é feita uma exposição sobre a formação social do Acre, com foco na presença de pessoas negras no estado. Finalmente, faz-se uma discussão sobre as especificidades vivenciadas por mulheres negras no que diz respeito à interseccionalidade entre raça e gênero. O aporte teórico é baseado nas contribuições teóricas de Eduardo Medistch (1997), Maria Gregolin (2007), Stuart Hall (2016), Murilo Soares (2009), Sueli Carneiro (2011), Grada Kilomba (2019), Kimberlé Crenshaw (2016), entre outros.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade. Jornalismo. Mulheres Negras. Representações.



## EXPERIÊNCIAS SOBRE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL DESDE A PRIMEIRA INFÂNCIA

Joana Marques de Lima Saar Xavier (PMRB/Ufac)  
Inara Gomes da Costa (Ufac)

### RESUMO:

Este resumo apresenta experiências realizadas na Educação Infantil e que contemplavam a Educação Étnico-racial. As atividades ocorreram no ano de 2019, na turma 101 da creche Sagrado Coração de Maria, com crianças de 2,3 e 4 anos que estavam sob a responsabilidade da professora Joana Marques. O primeiro contato da criança com a Educação é na Primeira Infância e nessa fase do desenvolvimento ela ingressará na Educação Infantil. A Educação Infantil é considerada a primeira fase da Educação Escolar e é desde essa etapa que as crianças, enquanto sujeitos de direitos, precisam acessar uma Educação que contribua, significativamente, para a sua formação cidadã e para isso ocorrer o trabalho com as relações étnico-raciais precisa acontecer desde o início da Educação Básica. Temos o objetivo de compartilhar as atividades voltadas à Educação Étnico-racial, como forma de valorizar a cultura africana, afro-brasileira e indígena, proporcionando aos pequenos e às pequenas o acesso a uma educação decolonial e antirracista. Utilizamos como referenciais teóricos: Brasil (1996), Brasil (2003), Brasil (2004), Brasil (2008), Gomes (2012), Munanga (2015), Dias e Reis (2016) e Acre (2018). Como resultados é possível mostrar que podemos, com a formação adequada em Educação Étnico-racial, desde a primeira etapa da Educação Básica ensinar às crianças uma visão decolonial sobre povos africanos e povos originários. Visualizamos durante a realização das atividades na creche: crianças conhecendo o continente africano como berço da humanidade e do conhecimento, reconhecendo os povos originários como produtores de saberes e de conhecimento, crianças brancas, negras e indígenas aprendendo sobre a beleza e o valor que há em ser diferente, fortalecimento da autoestima das crianças, valorização da nossa ancestralidade africana e indígena, estímulo ao respeito à todas as pessoas e ainda foi observável mais valorização por si e pelo outro, mais cuidado e mais afeto durante as interações e brincadeiras.

**Palavras-chave:** Educação Étnico-racial. Educação Infantil. Educação Decolonial. Lei 10.639/2003. Lei 11.645/2008.



## A EXPERIÊNCIA DO AQUALTUNE PODCAST INSTRUMENTALIZANDO MÚSICA E ORALIDADE NA TRANSMISSÃO DE SABERES

Jussara Lopes (Ufop)

### RESUMO:

Este é um breve relato de experiência do Aqualtune Podcast, um projeto que surgiu no âmbito do Período Letivo Emergencial – PLE da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) para ministrar a primeira parte da disciplina “Raça/Etnia, Gênero e Sexualidades”, ofertada pelo Departamento de Serviço Social. Tendo em vista o cenário de isolamento social devido a pandemia do Covid-19 e a opção pela educação remota por parte da universidade, o principal objetivo do Aqualtune Podcast foi o de democratizar o acesso ao conteúdo das aulas, sendo ainda uma proposta possível dentro da minha realidade enquanto docente portadora de baixa visão (PCD). Neste cenário, a música e a oralidade passam a ser as principais maneiras de difundir o conhecimento, relacionando-se intimamente com o conteúdo programático proposto para essa unidade da disciplina, na qual estudamos: a obra “O que é Racismo Estrutural” de Silvio Almeida (2018); um pouco da vida, obra e legado de Lélia Gonzáles; a obra “Olhares Negros” de bell hooks (2019); e o livro “O movimento negro educador” de Nilma Lino Gomes (2017). Toda a parte expositiva foi transformada em episódios do podcast, desde a apresentação do Plano de Ensino às orientações acerca das atividades avaliativas, tendo como principal foco as discussões sobre xs intelectuais e as suas obras, e editados com trilha sonora dialogando com os temas propostos. A proposta foi tão exitosa que se transformou em um projeto de extensão, em parceria com o Departamento de Jornalismo da mesma universidade, em fase de construção.

**Palavras-chave:** Raça/Etnia. Podcast. Oralidade. Música Preta.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE O LAR A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE BELL HOOKS E YOUNG

Luana Goulart de Castro Alves (UFMT)

### RESUMO:

A noção de lar foi duramente criticada por pensadoras como Teresa Lauretis e Bonnie Honig por representarem um enorme privilégio social nas comunidades contemporâneas. A própria Simone de Beauvoir, em sua obra "O segundo sexo" já descreve de forma singular como o trabalho doméstico confina e submete as mulheres a um modelo opressor. No seu texto "House and Home Feminist Variations on a Theme", Iris Marion Young parece, no entanto, tomar uma direção contrária à das pensadoras acima. Ainda que Young leve em consideração as importantes críticas apontadas por elas, a autora busca destacar a ambivalência da ideia de lar e a importância que há em reivindicá-la, acentuando seu papel positivo no seio de uma sociedade democrática. Levando em consideração e argumentando a favor e contra algumas das inúmeras críticas que foram feitas aos elementos marcadamente patriarcais que constituem e caracterizam a ideia de lar, Young, fazendo uso de conceitos da filosofia de tradição hermenêutico-fenomenológica, advoga um feminismo cuidadoso e ao mesmo tempo rigoroso, na medida em que não abre mão de ideias caras para nós, ainda que elas estejam de alguma forma "contaminadas" por características patriarcais. Através de uma ênfase transformadora nos elementos positivos de "lar", a pensadora abre espaço para questionarmos a ambivalência de noções e ideias que são constituidoras de sentido e significado para nós, mulheres. Nesse sentido, o pensamento desenvolvido por bell hooks em sua obra "Yearning" a respeito do papel do lar não apenas como lugar de resistência, mas também como espaço de formação e da própria construção de sua subjetividade, nos oferece uma oportunidade interessante para colocarmos as duas autoras em diálogo à luz da filosofia hermenêutico-fenomenológica.

**Palavras-chave:** Lar. Feminismo. Hermenêutica-Fenomenológica. Young. bell hooks.





## **PROFESSORAS NEGRAS DE INGLÊS E O DESCRÉDITO: O QUE ISSO TEM A VER COM O RACISMO ESTRUTURAL?**

Luara Rodrigues Real (UEPG)  
Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG)

### **RESUMO:**

Este trabalho é resultante de uma reflexão para responder à uma das perguntas da pesquisa de dissertação de mestrado da autora, a ser defendida em 2022. A motivação da pesquisa vem, inicialmente, do panorama em que se estrutura a educação (principalmente, a superior) brasileira, que conta com poucas professoras negras de língua inglesa. Além de uma minoria numérica nesses espaços, há vários estudos que versam sobre a forma como essas professoras convivem com a desconfiança da sua habilidade para desempenhar essa função, e mais do que falar, ensinar uma língua estrangeira que, aparentemente, não dialoga com sua identidade de raça, na visão dos discentes que entram em contato com essas profissionais. (MELO, 2015; CRUZ; JÚNIOR; 2013; DIAS, 2013; GOMES, 1999; SENE, 2018; RIBEIRO, 2019) A análise se repousa, sobretudo, nos supracitados estudos na área da linguística aplicada, que versam sobre o lugar de insegurança à qual são submetidas essas professoras. Outro importante aspecto a ser analisado é a relação desse tipo de violência com o racismo que estrutura toda a sociedade brasileira e faz com que se coloque em xeque as atribuições profissionais pela sua identidade de raça e gênero, de maneira interseccional. Nos resultados desse estudo, é possível observar que, enquanto uma problemática criada pelo racismo, a luta antirracista é essencial como um todo, mas ainda mais na educação e no campo da educação de línguas, uma vez que a língua inglesa não deve ser diretamente relacionada com o povo branco. Concluo que além disso, é imensurável a importância das pesquisas que denunciam e colocam em foco tais situações, porque são relatos essenciais para a reflexão e transformação da realidade.

**Palavras-chave:** Professoras Negras. Ensino de Língua Inglesa. Interseccionalidade.



## MULHERES NEGRAS NA ACADEMIA: GIOVANA XAVIER E SUA PROMOÇÃO DE UMA ESCRITA PROTAGONISTA

Luciana Jesus de Souza (UFRJ)

### RESUMO:

Este estudo, é parte integrante da apresentação realizada no Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica com Ênfase em Ensino de História, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cujo corpo docente é composto de diversos cânones da História do nosso país, dentre elas a professora Doutora, Giovana Xavier da Conceição Nascimento. Professora adjunta da UFRJ desde 2013 da Faculdade de Educação. Pós doutorado em História e em seus estudos a relação étnica- racial esteve sempre atuante. Um dos seus focos de pesquisa, foram as mulheres negras produtoras de conhecimento histórico, sendo idealizadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras. E foi em 2017 que ela organiza o catálogo de Intelectuais Negras Visíveis. Com o intuito de ampliar e conhecer melhor Intelectuais Negras que pensem sua posição social na História e Memória desta temática, que conhecer e se aprofundar às questões levantadas pela professora Giovana Xavier é de suma importância para ampliação de nosso conhecimento, como parte integrante do constructo social brasileiro. Assim sua densa produção bibliográfica Abreu et. al. (2018), Xavier (2012; 2017; 2019), e seus artigos publicados Jornal Nexa, trazem para temática do dia a dia o pensar na história e os posicionamentos de poder, interseccionalidade e a necessidade de trabalhar a Lei 10.639/03, principalmente na academia. À vista disso, mostra-se a robustez de diversas pensadoras intelectuais, por meio desta intelectual negra, mulher, ariana e como seu primeiro blog mesmo diz; Preta “dutora” na primeira pessoa, protagonista de sua realidade e de sua ancestralidade.

**Palavra-chave:** Intelectuais Negras. Protagonismo. Academia. Interseccionalidade.



## ASSOCIAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DO ESTADO DO ACRE: POR UMA UNIVERSIDADE MAIS DEMOCRÁTICA E DE PROXIMIDADE COM OS MOVIMENTOS

Maria Ester Araújo de Souza (AMN/AC)  
Alcinéia Galdino Pereira (Ufac/AMN/AC))  
Erle Martins de Assis (AMN/AC)

### RESUMO:

A Associação de Mulheres Negras do Acre, foi fundada a quase duas décadas e tem levantado a pauta sobre direitos, racismo, violência, Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial bem como formas de enfrentar e denunciar o racismo. Em paralelo A atuação na educação como forma de empoderar e proteger as crianças das agruras do racismo na infância, como também aproximar os professores das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas. A difícil realidade de grande parte de mulheres nos municípios, na zona rural e nas aldeias que não tem acesso à informações sobre seus direitos e mesmo a escolarização é alarmante. Por isso a Associação de Mulheres Negras do Acre mobilizou movimentos e mecanismos relacionados às políticas públicas para a construção de um curso a ser e pautado junto à Universidade Federal do Acre. O objetivo do curso é que os núcleos da Universidade situados nos municípios possam funcionar como referência para início de um processo formativo de mulheres que em sua maioria vão ter dificuldades de leitura e escrita. A ideia é ao se trabalhar processos de desenvolvimento de leitura e escrita também se trabalhe o acesso às legislações que lhes garantem direitos, acesso à oportunidades e possibilidades de maior preparação em termos da continuidade dos estudos. O objetivo deste resumo é apresentar a proposta desse curso num processo de visibilidade das temáticas e demandas das mulheres negras e indígenas junto à Ufac. A Universidade tem a capacidade de fazer uma articulação institucional com diferentes atores e instrumentos públicos do estado como também, auxiliar na instrumentalização, articulação e alcance das mulheres mais desprovidas e vulneráveis. O referencial teórico se aproxima das principais autoras da atualidade que discorrem, teorizam e problematizam os diferentes contextos dessas mulheres como: Crenshaw (2002), Akotirene (2018), Berth (2018) e Collins (2019).

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Empoderamento. Representatividade. Escolarização. Ufac.



## **A EXPERIÊNCIA DO CASS - IGOR MENDES E O ENFOQUE NA QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL**

Mariana Monteiro Vieira (Ufop)  
Érika Danielle Pereira dos Santos (Ufop)  
Vitória Latorre de Carvalho (Ufop)

### **RESUMO:**

O presente resumo trata da experiência do Centro Acadêmico de Serviço Social, da Ufop, sobretudo as ações durante o período de isolamento social, causado pela crise do SARS-CoV-2. Inseridos nesta realidade, a tecnologia tem se apresentado como forma de manter a integração e construção coletiva. Porém não deixemos de considerar que mais de 30% dos brasileiros não acessam a internet. O objetivo, enquanto movimento estudantil organizado, do uso tecnológico como instrumento de ação, é sua potência de alcance como um meio de comunicação, promovendo lives mediadas pelos integrantes via YouTube, a fim de manter discussões pertinentes com os estudantes, bem como responder questionamentos coletivos da profissão. Desse modo, uma das discussões propiciadas nesse ciclo de debates foi acerca do que o Serviço Social tem a ver com as lutas antirracistas e antifascistas? Tema muito caro para nós, enquanto membros do Centro Acadêmico, que em sua gestão conta com a articulação das mulheres pretas. Por se tratar de uma representação estudantil, que desde sua posse questiona a branquidade e suas maneiras de impor desigualdades, ao reconhecer a importância dos movimentos negros e seu protagonismo histórico, mantendo diálogo com as pessoas brancas integrantes, que estão repensam suas condições de privilégios. Ou seja, a necessidade de abordar no movimento estudantil a questão étnico-racial, tendo em vista o apontamento de Angela Davis: quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, relacionando a articulação com a branquidade no lugar de reflexão, escuta, aprendizado e transformação nesse processo, é uma apresentação do tratamento responsável e sério do que é o racismo na Universidade de uma experiência que demonstra possibilidades de enfrentamento com o protagonismo e reivindicação de mulheres pretas.

**Palavras-chave:** Mulheres Pretas. Questão Étnico-Racial. Centro Acadêmico.



## PRECONCEITOS CONTRA AS MULHERES TRANS: O QUE A PSICOLOGIA TEM A VER COM ISSO?

Patrícia da Silva (Ufac)

Flavia do Nascimento Andrade (Ufac)

Karine Santos Filho (Ufac)

Wisney Batista dos Santos (Ufac)

### RESUMO:

A pandemia emergiu a necessidade de reinventar formas de cuidado. O presente trabalho busca salientar a vulnerabilidade da mulher trans no período da pandemia a partir da perspectiva interseccional. Nosso pressuposto básico é que a análise das desigualdades demanda um estudo que contemple diversos aspectos que se inter cruzam, a exemplo da raça/etnia, gênero, classe social, idade, região geográfica e nível de conhecimento (Hankivsky, 2012). As mulheres trans mesmo tendo ganhado mais visibilidade, ainda são subjugadas e a um agravamento maior no contexto brasileiro, interligada com as desigualdades raciais e socioeconômicas. Diante dos altos índices de violência e situações de vulnerabilidade social e de saúde física e mental, as mulheres trans negras tende a integrar os segmentos sociais que não tem acesso aos seus direitos legais. E essa falta de direitos não ocorre somente por conta das questões de gênero e sexualidade, mas também por conta da sua cor (Menezes, 2018). Por esse conjunto de motivos, a incorporação do gênero no contexto da análise do racismo traz à tona a discriminação racial contra as mulheres (Crenshaw, 2002; Maddox, 2013; Moreira, 2011; Xavier, 2010). Pensando nessas possibilidades de expressão de sofrimento, considerando que as mulheres, historicamente tiveram seus locais de fala negados ressalta-se a importância da existência de espaços, que viabilizem tal comunicação. Sendo a Psicologia uma ciência e profissão que se coloca para acolher o sofrimento humano, propomos a realização de momentos de escuta e diálogo no formato grupo focal, com o objetivo de propiciar um espaço online, de acolhimento, escuta e discussão para as mulheres trans. Com isso, o grupo focal busca propiciar um espaço de debate aberto e acessível, diante de um(alguns) tema(s) que seja(m) de interesse em comum entre as participantes, onde todas possam participar (Gaskell, 2002). Esta atividade está em andamento e, portanto, não foi possível obter resultados.

**Palavras-chave:** Pandemia. Interseccionalidade. Escuta. Mulheres Trans.